



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Línguas e Linguística: Tradução e Ciências da Linguagem

Área de especialização | Ciências da Linguagem

Dissertação

**A presença de neologismos em jornais públicos e privados de
Angola: verificação de frequências**

Armando José Nzinga

Orientador(es) | Ana Alexandra Silva

Fernando Gomes

Évora 2019



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Línguas e Linguística: Tradução e Ciências da Linguagem

Área de especialização | Ciências da Linguagem

Dissertação

**A presença de neologismos em jornais públicos e privados de
Angola: verificação de frequências**

Armando José Nzinga

Orientador(es) | Ana Alexandra Silva

Fernando Gomes

Évora 2019



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

- Presidente | Fernanda Ribeiro Gonçalves (Universidade de Évora)
- Vogal | Ana Paula Banza (Universidade de Évora)
- Vogal-orientador | Ana Alexandra Silva (Universidade de Évora)
- Vogal-orientador | Fernando Gomes (Universidade de Évora)

EPÍGRAFE

“O pensamento tem um vício. Cria um neologismo para o
descrever – coisar”.

Fernando Pessoa

DEDICATÓRIA

Em memória de meu pai, Armando Nzinga, que me ensinou a não baixar a cabeça quando tudo parece não ter mais solução, que a sua alma descanse em paz;

à minha mãe, Nzinga Maria José;
aos meus filhos e minha esposa.

AGRADECIMENTOS

A conclusão de um trabalho desta índole não seria possível sem a contribuição moral ou material de algumas entidades e empresas. Assim sendo, não podia deixar de manifestar os meus agradecimentos:

A Deus Pai Todo Poderoso pelas oportunidades que me ofereceu, pela saúde, proteção contra as barreiras enfrentadas ao longo desse caminho que hoje chegou à meta desejada.

Aos meus pais, Armando Nzinga e Nzinga Maria José, por me terem colocado neste mundo e que tiveram a tarefa de educar e levar ao conhecimento científico.

À minha orientadora, Prof^a. Doutora Ana Alexandra Lázaro Vieira da Silva, que sempre acreditou em mim. Pela paciência, atenção, dedicação, alegria e humildade com que colocou à disposição os seus conhecimentos, respeitando, com bom senso, os momentos de dificuldade por mim enfrentados. Desse modo, ofereço minha gratidão, admiração e principalmente o meu eterno carinho e consideração.

Ao meu co-orientador, Prof. Doutor Fernando dos Santos Gomes, pelo seu contributo para a efetivação desse trabalho.

Na mesma senda, agradeço a todos os professores da Universidade de Évora, em particular às do Departamento de Linguística e Literaturas que, ao longo do ano curricular, partilharam os seus conhecimentos em vários domínios como: Historiografia Linguística, Aquisição da Linguagem, Teoria da Linguagem e Comunicação, Ciências do Léxico, Temas de Sintaxe, Linguística e Comunicação e Variação e Mudança Linguística, através das professoras Doutoras Maria Filomena Candeias Gonçalves, Fernanda Maria Ribeiro Gonçalves, Maria João Broa Martins Marçalo, Maria do Céu Brás da Fonseca e Ana Paula Banza de Figueiredo Santos.

À Doutora Paula Henriques, coordenadora da Comissão Multissetorial, junto do ministério da Educação em Angola, pela sua sábia condução de um projeto de interesse nacional que tem vindo a proporcionar oportunidades na formação de quadros nacionais.

À Televisão Pública de Angola (TPA), pela oportunidade que me foi dada concretizada num protocolo com o Ministério da Educação para formação fora do país.

Às direções dos jornais públicos e privados de Angola, nomeadamente: *Jornal de Angola*, *Jornal Cultura*, *Jornal Expansão* e o *Jornal Metropolitano de Luanda*, pela disponibilidade na coleta de dados que serviram de *corpus*, parte fundamental deste trabalho, a esta investigação.

À Doutora Cleci Regina Bevilacqua, pelo seu contributo na elaboração deste trabalho.

Aos meus colegas de turma, Domingos Cordeiro, Luís Chimuku, Margarida Bengla, Samuel Tunga, Santiago Fragoso e Valério Massiala (amigo e colega de trabalho), que contribuíram para o início deste trabalho. Com eles pude perceber como são enriquecedores o diálogo e a convivência com pessoas que têm tanto a nos ensinar e a contribuir para a nossa formação.

Aos meus irmãos: Pascoal Mvemba Maria, Luís José Manuel, Isabel José Manuel Francisco, Maria da Conceição José Nzinga, Isabel Armando Nzinga e Emília José Nzinga, pelo incentivo e apoio moral.

À Adzalda Martins de Jesus Quaresma, pelo seu apoio incondicional, durante a minha estadia em Évora-Portugal, que Deus a abençoe.

À família angolana em Évora-Portugal: tanto aos Kotas: Zangui Longa, Saint Pierre, Jessy Silva, Gabí, Sabino e às Mamoites Janine e Filomena, como aos Kandengues: Kamutali, Flávio Lutete, Henock Tonny, Nerhu, Flávio Cruz, Guerra e Beto.

Finalmente, ao **INAGBE – Instituto Nacional de Atribuição e Gestão de Bolsas de Estudos (Angola)**, pela concessão da bolsa de estudo que tanto me ajudou no pagamento das propinas e na minha estadia no território Português ao longo de todo processo de formação.

RESUMO

A presente dissertação regista os neologismos, ou seja, palavras recém-criadas no português de Angola, na imprensa escrita angolana, nomeadamente em jornais públicos e privados de Angola e tem como objetivo geral verificar a frequência de neologismos em textos jornalísticos de jornais públicos (*Jornal de Angola* e *Jornal Cultura*) e privados (*Jornal Expansão* e *Jornal Metropolitano de Luanda*) de Angola.

Trata-se de um estudo de baseado em *corpora*, matérias veiculadas nos órgãos de comunicação social angolana, no período compreendido entre julho e dezembro de 2017 a 2018.

Palavras-chave: Imprensa escrita; processos neológicos; Neologismos.

ABSTRACT

“The presence of neologisms in angolan public and private journals: frequency checking”

The present dissertation registers the neologisms, i.e., newly created words in Angolan Portuguese, in the Angolan written press, namely, in public and private newspapers in Angola and the general purpose of this study has to verify the frequency of neologisms in the journalistic texts of public (*Jornal de Angola* and *Jornal Cultura*) and private (*Jornal Expansão* and *Jornal Metropolitano de Luanda*) newspapers of Angola.

This is a study based in corpora, articles divulged in the Angolan media, between July and December 2017 to 2018.

Keywords: Written press; neologism processes; Neologisms.

LISTA DE SIGLAS

AC – Análise de Conteúdos

CRA - Constituição da República de Angola

DA – Diário de Luanda

DPLP – Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

JA – Jornal de Angola

JC – Jornal Cultura

JE – Jornal Expansão

JM – Jornal Metropolitano

LE - Língua Estrangeira

LM - Língua Materna

MPLA – Movimento de Popular de Libertação de Angola

PA – Província de Angola

RNA – Rádio Nacional de Angola

TPA – Televisão Pública de Angola

UJA – União dos Jornalistas Angolanos

VOA – Vocabulário Ortográfico de Angola

ÍNDICES DE FIGURAS, QUADROS, GRÁFICOS E TABELAS

Índice de Figuras

Figura 1: Géneros jornalísticos	20
Figura 2: Estrutura da notícia	23
Figura 3: Fases da evolução da imprensa angolana.....	29
Figura 4: Jornais constituinte dos corpora jornais de Angola	34
Figura 5: Diagrama metodológico	38
Figura 6: Stop list	42
Figura 7: Word list	43
Figura 8: Concordance.....	44
Figura 9: File View.....	44
Figura 10: Algoritmo classificativo de neologismos	46

Índice de Quadros

Quadro 1: Termos derivados através de processos neológicos por calão, gíria e cultura	54
Quadro 2: Termos derivados através de processos neológicos por palavra-valise	56
Quadro 3: Termos derivados através de processos neológicos por prefixação	56
Quadro 4: Termos derivados através de processos neológicos por sufixação	57
Quadro 5: Termos derivados através de processos neológicos por truncção.....	58
Quadro 6: Termos derivados através de processos neológicos por empréstimo.....	59
Quadro 7: Termos derivados através de processos neológicos por estrangeirismo	60

Índice Gráficos

Gráfico 1: A constituição do <i>corpus</i>	40
Gráfico 2: Dados percentuais de neologismos por jornal	52
Gráfico 3: Neologismos lexicais, percentagem de processos neológicos.	54
Gráfico 4: Neologismos por empréstimo, percentagem de processos neológicos	58
Gráfico 5: Interseção de jornais em neologismos	62
Gráfico 6: Adjetivos	64

Gráfico 7: Nomes ou substantivos	65
Gráfico 8: Verbos	66
Gráfico 9: Dados estatísticos de processos neológicos	68
Gráfico 10: Dados estatísticos de categorias gramaticais de neologismos por jornal...	69

Índice de Tabelas

Tabela 1: Estatística do número de palavras encontradas antes e depois da filtragem	41
Tabela 2: Números de textos constando neologismos.....	51

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	1
Justificação do tema	3
Objetivo geral.....	4
Objetivos específicos	4
Hipóteses de investigação	4
CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO	6
1.1 – Conhecimento lexical	7
1.1.1 – Léxicos de especialidade.....	10
1.1.2 – Neologia e neologismo	12
1.1.3 – Neologia e variação linguística	14
1.1.4 - Causas para a formação de novas palavras	15
1.2 – A Comunicação e o papel da informação no mundo	16
1.2.1 – Classificação de conteúdos na imprensa escrita, jornais.....	18
1.2.2 – Categoria informativa e opinativa	21
1.2.3 – Imprensa escrita, estrutura da notícia em textos jornalísticos	22
1.2.4 – Linguagem jornalística utilizada na imprensa escrita.....	25
CAPÍTULO II: CONTEXTUALIZAÇÃO DA IMPRENSA ESCRITA EM ANGOLA.....	28
2.1 – Historial da imprensa escrita angolana	29
2.1.1 – O nascimento da imprensa angolana	30
2.1.2 – Fase da imprensa angolana, após a independência	31
2.1.3 – Constituição e a imprensa escrita.....	33
2.1.4 – Vulgarização dos jornais.....	34
CAPÍTULO III: METODOLOGIA.....	37

3.1 – A constituição do <i>corpus</i>	38
3.2 – O programa utilizado.....	42
3.3 – Critérios de seleção dos neologismos	45
3.3.1 – <i>Corpus</i> de exclusão	45
3.3.2 – Atribuição de categorias gramaticais aos neologismos	46
3.3.3 – Classificação neológica	46
CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	50
4.1 – Apresentação de dados	51
4.2 – Análise de dados.....	52
4.2.1 – Classificação neológica	53
4.2.1.1 – Neologismos lexicais	53
4.2.1.2 - Neologismos por empréstimo	58
4.2.2 – Interseções de neologismos	62
4.2.3 - Categorias gramaticais dos neologismos	63
4.3 – Frequência dos neologismos	68
4.4 – Contexto jornalístico e linguístico de neologismos verificados.....	70
CONCLUSÃO	72
BIBLIOGRAFIA	74

INTRODUÇÃO

É notório o uso de neologismos nos textos jornalísticos angolanos produzidos pela imprensa escrita, muitas vezes com os objetivos não especificados, mas que caracterizam a variedade angolana da língua portuguesa. Os termos usados nestes textos jornalísticos, na sua maioria, têm predominância das línguas africanas de origem *bantu* faladas em Angola em diferentes regiões, tais como: *Umbundu*, *Kimbundu*, *Kikongo* e *Fiote*.

Este trabalho de Dissertação de Mestrado em Línguas e Linguística: Tradução e Ciências da Linguagem, especialidade em Ciências da Linguagem, visa verificar a frequência das unidades consideradas neologismos, para, depois, realizar uma breve análise dos processos neológicos que ocorrem na criação de novas palavras no português de Angola.

O nosso trabalho, com o título “A presença de neologismos nos jornais públicos e privados de Angola: verificação de frequências” surge pelo facto de termos constatado, ao longo da nossa investigação, tendências para usar termos tipicamente angolanos em textos jornalísticos produzidos pelos repórteres e redatores, que representam a norma culta do português, nos jornais públicos e privados de Angola.

Geralmente, os neologismos surgem através de processos neológicos: formais ou lexicais (derivação e composição), semânticos (transformação semântica de um vocábulo, sem alteração lexical) e por empréstimo (estrangeirismo e empréstimo). (Alves, 1994, 1999, 2004 e Cabré, 2006).

Os neologismos por empréstimo, como “diquelengo”, “kupapata”, “mwangolé”, “bwala” são uma realidade no português de Angola, na medida em que os falantes são influenciados pelas línguas de origem bantu, como *Kimbundu*, *Umbundu*, *Kikongo*, *Fiote* (Línguas nacionais de Angola) e outras.

No que diz respeito à estrutura, o trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo contém o enquadramento teórico, posicionando os neologismos dentro do léxico e, por outro, a caracterização de textos jornalísticos.

O segundo capítulo apresenta a caracterização da imprensa escrita angolana, realizando-se uma abordagem histórica da imprensa escrita angolana.

O terceiro capítulo aborda as questões metodológicas de forma muito clara, com descrição dos passos e etapas necessários para concretização dos objetivos preconizados.

O quarto, último capítulo, centrar-se-á sobre três aspetos fundamentais de análise de dados: (i) classificação dos neologismos; (ii) atribuição de categorias gramaticais aos neologismos verificados e, (iii) verificação da frequência nos dois eixos apontados anteriormente.

Justificação do tema

O tema escolhido foi “A presença de neologismos nos jornais públicos e privados de Angola: verificação de frequências”. A pesquisa está enquadrada dentro do Projeto Interministerial para a Ratificação do Acordo Ortográfico de 1990, como também para elaboração do Vocabulário Ortográfico de Angola (VOA), sob orientação do Ministério da Educação de Angola.

Sabe-se que a língua é dinâmica, portanto, o português falado em Angola apresenta desvios em relação ao português europeu. A sua evolução faz-se de modo natural, espontâneo e adaptado aos contextos históricos, sociais e linguísticos locais. Com efeito, pode-se verificar claramente tendências na criação de novas palavras através de processos neológicos baseados nos sistemas linguísticos de línguas nacionais.

Estes processos apresentam divergências relativamente à norma do Português Europeu, quer na modalidade escrita quer na oral, o que torna interessante estudar os neologismos a partir de um *corpus* jornalístico.

Assim sendo, neste estudo foi constituído e analisado um *corpus* composto por textos jornalísticos de jornais públicos e privados angolanos, de modo a verificar a frequência de novas palavras, em função dos seus contextos.

Esta dissertação enquadra-se numa metodologia de linguística de *corpus*, por se basear na análise de quatro *corpora* que se constituíram, que tiveram uma análise automática, de modo a apurar os dados e fazer uma possível comparação entre o JA, JC, JE e JM, que disponibilizaram textos para constituição do *corpus* deste trabalho.

Os neologismos podem ser verificados através de fontes orais (vídeos, músicas, redes sociais, entre outros) e escritas (revistas, jornais, redes sociais, entre outros). Optámos por seleccionar textos jornalísticos como nosso objeto de pesquisa, visto serem escritos por indivíduos à partida escolarizados e, possivelmente, influenciados pela norma europeia no que toca ao uso de termos consagrados.

Este trabalho procura responder a uma série de questões que se podem colocar em relação aos neologismos e à forma como estes aparecem em textos jornalísticos. Algumas dessas averiguações são:

- Quais são os neologismos angolanos mais e menos utilizados em textos jornalísticos em jornais públicos e privados de Angola nos segundos semestres dos anos 2017 e 2018?
- Em que contextos são usadas as palavras que ainda não constam nos dicionários?

A partir das questões apontadas no item anterior, estabelecemos como objetivos do nosso trabalho:

Objetivo geral

Verificar os neologismos angolanos mais e menos frequentes em textos jornalísticos dos jornais públicos e privados de Angola nos segundos semestres dos anos de 2017 e de 2018.

Objetivos específicos

- a) Apurar o conceito de neologismo e aferir a sua integração no léxico;
- b) Caracterizar os textos jornalísticos;
- c) Identificar as interseções entre os neologismos em jornais públicos e privados de Angola no segundo semestre dos anos 2017 e 2018;
- d) Classificar os neologismos verificados de acordo com os processos neológicos;
- e) Atribuir categorias gramaticais aos neologismos em função dos contextos;
- f) Fazer uma estatística de neologismos mais e menos frequentes em jornais públicos e privados de Angola nos segundos semestres dos anos de 2017 e de 2018.

Hipóteses de investigação

Estabelecemos as seguintes hipóteses de investigação para este trabalho:

a) As criações de novas palavras resultam de diferentes processos neológicos;

b) Os neologismos não pertencem todos à mesma categoria, eles devem ser discriminados e tratados distintamente, conforme a sua natureza;

c) Os neologismos recebem tratamento assistemático nos dicionários e nos manuais de redação, desprovido de rigor e critérios para que os jornalistas (neste caso, em particular) os reconheçam como tais e saibam lidar convenientemente com eles.

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O presente capítulo visa dar o cumprimento aos dois primeiros objetivos específicos traçados no nosso trabalho. A primeira parte abordará os conceitos ligados ao léxico, nomeadamente: o léxico de especialidade, neologia e neologismo, neologia e variação linguística e as causas para a formação de novas palavras; na segunda parte, far-se-á uma abordagem em torno da comunicação e o papel da informação no mundo, tendo as seguintes temáticas: classificação de conteúdos na imprensa escrita, isto é, os jornais, categoria informativa e opinativa (dois principais géneros dentro da imprensa), a estrutura da notícia em textos jornalísticos e a linguagem jornalística utilizada na imprensa escrita.

1.1 – Conhecimento lexical

De tempos a tempos surgem novas palavras na língua, uma vez que a vivacidade de uma língua está ligada à capacidade de os seus falantes as criarem ou de as emprestarem de novos sistemas linguísticos, ou ainda, de darem novos sentidos aos vocábulos já existentes.

Oliveira & Isquerdo (2001, pp. 13-15) argumentam que: “Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente”, e acrescenta, “é o léxico o único domínio da língua que constitui um sistema aberto, diversamente dos demais, fonologia, morfologia e sintaxe, que constituem sistemas fechados”. Outrossim, Mário Vilela (1979, p. 15) reforça a ideia de que “o léxico constitui um sistema aberto, mais ou menos imprevisível e quase infinito”

Partindo do princípio de que o léxico é o único domínio da língua que se constitui como um sistema aberto, faz sentido dizermos que tem havido um processo de absorção e reprodução de palavras para constituição do léxico dos falantes.

Os estudos afirmam que a aquisição de vocábulos surge assim como uma atividade cumulativa e não como uma questão de tudo ou nada. Portanto, as crianças ou adultos submetidos à aprendizagem de um novo léxico passam de palavras hesitantes

para frases fluentes e de um vocabulário reduzido para um vocabulário mais complexo, que aumenta em função da sua progressão diária.

É bem sabido que, a cada fase de aprendizagem o indivíduo amplia o seu vocabulário, desde o ambiente familiar até ao profissional, sendo que a aprendizagem do léxico nunca termina, pendura por toda vida de uma pessoa.

Por outro lado, Vilela (1979, p. 9) ao referir-se ao conceito de léxico, afirma que este “[...] é entendido como o conjunto de unidades linguísticas básicas (morfemas, palavras locuções) próprias de uma língua, unidades essas que se encontram listadas por ordem alfabética num dicionário e subordinadas”. O autor ainda defende que,

O léxico é entendido como competência lexical que representa um sistema de possibilidades, no locutor/ouvinte ideal, que abrangem as palavras reais (dado o caráter aberto do léxico, torna-se muito difícil um envolvimento exaustivo das palavras reais) pautada pela norma (documentadas) e ainda as palavras possíveis com base nas regras de formação (Vilela, Estruturas Léxicas do Português, 1979, p. 10).

De acordo com (Sim-Sim, 1998, p. 110), “a palavra é o símbolo que representa uma realidade”. A autora ainda assevera que, conhecer uma palavra de uma determinada língua é exatamente entender o significado ou o conceito que esse vocábulo representa.

As citações acima remetem-nos para a ideia de que o conhecimento lexical no universo se reflete na existência das palavras, que determinam o conceito da essência das coisas por intermédio da língua.

Toda a língua carece de vocábulos que facilitam a formulação de discursos para uma comunicação formal ou informal dentro de uma comunidade. De acordo com Vilela (1979, p. 17) “a intencionalidade da língua encontra-se de antemão nas suas palavras, através das palavras está o mundo presente na língua, a sintaxe e outros domínios da gramática emergem depois”.

No que toca às situações de bilinguismo, os estudos apontam que elas resultam do contacto entre línguas, podendo esta situação gerar vários resultados. Em Angola, é visível a transformação da língua portuguesa em vários domínios da gramática, quer pela expansão do léxico, dada a força da influência das línguas bantu, quer nos planos fonológico, morfológico e sintático. Será no léxico que se observa uma veemente forma de afirmação angolana com novas formações e novos sentimentos. Nesta conformidade, (Cambuta, 2014, pp. 16-17) observa que o português de Angola revela uma produtividade bastante rica na formação de novas palavras mediante o processo de verbalização, destacando-se os sufixos verbais.

A dinâmica de uma língua emerge do léxico onde se faz presente em variados contextos, produzindo uma multiplicidade de formas e sentidos. Portanto, no mundo contemporâneo, o enriquecimento do léxico é mais do que uma necessidade, na medida em que as inovações e as transformações não param. É no léxico que as palavras se reiteram, se sustentam os modelos mentais, os sistemas de valores, os recortes culturais, os pontos de vista e as práticas de um grupo social.

Importa dizer que a língua agrega a parte inovadora e conservadora, sendo o léxico a parte que mais permite inovações, pois possui um inventário aberto que aceita o estrangeirismo como forasteiro dentro da língua, carregando valores ideológicos da sua origem.

Portanto, tem se verificado a constante criação de novos termos com o avanço tecnológico ou mudança na percepção do mundo, o que justifica a dinâmica da língua a que acompanha a evolução humana. Assim, vamos proceder a uma análise de algumas inovações do léxico angolano, no período delimitado no nosso trabalho, de modo a perceber de que maneira se estrutura o pensamento e visão do povo angolano.

Essa dinâmica é uma característica necessária a todas as línguas e poucos se dão conta dessa evolução, na medida em que é feita de modo inconsciente e coletivo. No entanto, o aparecimento de novos termos e significados é facilmente constatado nos meios de comunicação social, sobretudo na imprensa escrita.

O ponto a seguir trará subsídios sobre a terminologia, subárea da lexicologia, área responsável pelo léxico de especialidade.

1.1.1 – Léxicos de especialidade

O desenvolvimento da língua agrega consigo grandes repercussões, não apenas nos campos científico-tecnológico, sociológico, cultural..., mas também no plano linguístico. Maria Teresa Cabré (1993), ao abordar o conceito de terminologia, afirma:

La terminología es ante todo un estudio del concepto y de los sistemas conceptuales que describen cada materia especializada; el trabajo terminológico consiste en representar ese campo conceptual, y establecer las denominaciones precisas que garantizarán una comunicación profesional rigurosa (Cabré , 1993, p. 52).

A autora concebe os termos ou léxico de especialidade em três perspetivas diferentes, em função da natureza de cada área de conhecimento, pondo em evidência os “verbos” que delimitam os seus conceitos:

- i) Saber: linguisticamente, os termos são considerados um conjunto de signos linguísticos que constituem um subconjunto dentro da componente lexical da gramática de uma determinada pessoa;
- ii) Conhecer: filosoficamente, os termos são refletidos num conjunto de unidades cognitivas que representam o conhecimento especializado;
- iii) Transferir e comunicar: dentro da técnica e cientificidade, a terminologia é o conjunto das unidades de expressão e comunicação que servem de canal de transporte para o conhecimento especializado.

Portanto, Maria Teresa Cabré (1993) considera a terminologia como uma disciplina original num sentido restrito, uma vez que é constituída por elementos procedentes de outras disciplinas, com bases teóricas delimitadas e objeto de estudo definido.

Como referimos, o termo possui uma dimensão cognitiva, na medida em que se expressa o conhecimento de uma área específica, e uma dimensão linguística, como componente lexical especializado ou temático das línguas. No seu conjunto, os termos representam a terminologia de uma especialidade. De acordo com Oliveira & Isquardo (2001, p. 196), o uso de um termo específico numa matéria técnico-científica, presume-se num conhecimento da configuração conceptual.

Na era contemporânea, verifica-se estudos com o objetivo de normatização de terminologia, planificação linguística, incentivo à criação oficial de neologismos, valorização da tradução e constata-se também o desenvolvimento da lexicografia geral e especializada e ainda da terminografia, na produção organizada de glossários, dicionários técnicos, etc.

Todavia, os termos ou léxico de especialidade, têm vindo a merecer um olhar atento dentro da lexicologia, uma disciplina ou área de pesquisa autónoma.

De acordo com Cláudia Augusto Dias em "*Terminologia: conceito e aplicações*", a terminologia ou léxico de especialidade agrega conhecimentos originários de distintas ciências como: informática, linguística, as ciências da documentação e classificação e a nomenclatura, resultando num campo multidisciplinar com métodos e princípios próprios (Sonneveld, *apud* Dias, 2000, p. 91). Dias ressalta a divergência de Sanger que defende que a terminologia tem vindo a desempenhar o papel metodológico para atingir os objetivos de determinadas áreas do saber. Para o autor, só se considera disciplina (s) autónoma (s), aquela(s) que estabelece(m) conhecimento sobre as coisas (Sanger, *apud* Dias, 2000, p. 91).

Com base nas ideias acima veiculadas, compreendemos que os termos representam o conhecimento de um domínio ou área de atividade particular, veiculam conceitos específicos da área representada, constituindo parte do conhecimento e da atuação dos especialistas e dos mediadores, propondo-se verificar através de procedimentos específicos como se dá o seu uso em diferentes níveis de atuação.

Importa ressaltar que a divergência entre os autores que defendem a terminologia como matéria autónoma e os autores que a consideram parte de outras disciplinas, não

será matéria da nossa discussão. Consideramos, no entanto, a hipótese de esta ser uma disciplina, na medida em que apresenta um conjunto de diretrizes e princípios que regem a compilação e formação de termos e estruturação de campos conceituais.

Em suma, com as novas técnicas e os avanços das ciências, emergem novos vocábulos e diversificam-se os chamados “léxicos de especialidades ou terminologia”, proporcionando novos termos, novas unidades lexicais e outros que vão caindo em desuso. As unidades léxicas que deixam de ser usadas são denominadas (Bechara, 2006, p. 351) arcaísmos. O autor defende que essas palavras desaparecem no esquecimento de uma determinada comunidade linguística, por razões diversas.

Todavia, para Ieda Maria Alves, o processo de recuperação de termos que já pertenciam ao passado da língua (os arcaísmos) podem ter um efeito estilístico quando ocorre para recuperar a virtualidade de um termo antigo, dando origem a um neologismo (Alves, 2004, p. 5).

1.1.2 – Neologia

Em Angola, como também noutras regiões do mundo, os fenómenos resultantes dos processos neológicos, que consistem na renovação e criação de novas palavras, encontram-se em permanente transformação sofrendo influências linguísticas resultante do contacto das línguas nacionais.

Bechara (2006, p. 351) ao referir-se à questão da criação de novas palavras explica que as realidades vividas pelos falantes da sociedade angolana ocasionam uma certa criatividade na formação de novos termos necessários para exprimir os inventos recentes, assimilar aqueles que, embora oriundos de línguas diversas, são indispensáveis e, sobretudo, explorar as próprias fontes. Em função disso, Alves (2010, p. 9) afirma que o caráter social está na base do processo neológico. Pensamos que é esta a realidade ocorrente em Angola.

Alves, I. (1990) & Biderman, T. (1978) *apud* Alves, (2010, p. 285); Alves (2004, p. 117) e Oliveira & Isquerdo (2001, pp. 66-67) destacam três processos na base da criação de neologismos:

1. Neologia ou criação lexical, as palavras são formadas através de métodos e elementos pertencentes à própria língua, caso das derivações¹, composições², fraseologismos³ entre outros.

2. Neologia semântica ou mudança conceptual, através da expansão de sentido ou mudança de significados de unidades lexicais já existentes.

3. Neologia ou adoção de empréstimos, unidades lexicais herdadas de sistemas linguísticos estrangeiros, podendo essas unidades ser adaptadas ou não à nova língua.

Estes autores explicam que os dois primeiros processos neológicos acima mencionados têm como base a própria língua, que consistem na criação de novas palavras ou dando um sentido diferente às já existentes e, o último está vocacionado para a importação de palavras, tendo origem em outros sistemas linguísticos, por intermédio do estrangeirismo.

Em relação a este aspeto, Oliveira & Isquierdo (2001, p. 37) descrevem três momentos importantes na criação de neologismos: (i) – o instante da sua criação; (ii) – o momento pós criação, que se refere à receção, ou ao julgamento de sua aceitabilidade por parte dos destinatários, bem como a sua inserção no vocabulário e no léxico de um grupo linguístico cultural e (iii) – [...] o neologismo no instante em que é produzido no quadro enunciativo e aquele em que é apreendido e registado pelos falantes – ouvintes do grupo.

Partindo para a questão que se prende com os neologismos, Ieda Maria Alves define o seu conceito da seguinte forma:

Uma nova forma, uma nova acepção atribuída a uma unidade lexical ou um estrangeirismo recebido de uma outra língua. O neologismo, fortemente vinculado ao carácter social da linguagem,

¹ Derivação, processo de formação de palavras a partir de uma forma de base – Afixação: prefixação, sufixação – Gramática prática de português, da comunicação à expressão.

² Composição, processo de formação de palavras complexas que recorre a associação de duas ou mais formas de base - Gramática prática de português, da comunicação à expressão.

³ Fraseologismo é parte da lexicologia que se ocupa das combinações estáveis de unidades léxicas constituídas, no mínimo, por duas palavras gráficas e, no máximo, por uma frase completa (Henriques, 2018, p. 13).

é sempre resultante de um facto social, que em um determinado momento da história da sociedade, determina a criação de uma nova unidade lexical (Alves, 2006, p. 132).

Os estudos apontam que esse desenvolvimento lexical se faz através dos processos de formação de palavras, com os recursos linguísticos que a própria língua oferece. Esse desenvolvimento transforma o meio, faz com que o homem envolvido no processo de evolução crie e reformule certos termos e expressões linguísticas. Portanto, o tempo e o espaço estão na sua base.

1.1.3 – Neologia e variação linguística

Toda a língua varia sob diversas perspectivas. Segundo Oliveira & Isquierdo (2001) o conceito de neologismo é relativo e não absoluto. As autoras asseguram que os estudos diacrónicos agregam unidades léxicas neológicas que proporcionam o desenvolvimento do léxico dos idiomas, pois essas transformações linguísticas podem ser espaços mais originadas por fatores de natureza diversa, como: histórica (variação diacrónica), geográfica (variação diatópica), sociocultural (variação diastrática) e modalidade expressiva (variação diafásica) ⁴.

⁴ No ponto de vista diacrónico – o percurso do neologismo [...] já indica que um neologismo, criado em determinada etapa, se não desaparece, ou seja, integra-se a uma determinada norma, torna-se lexia memorizada na competência de um grupo de falantes, efetiva, disponível para atualização; por vezes integra-se à norma geral, do conjunto dos seguintes falantes – ouvintes do idioma. Portanto, para que se analise os discursos dessa época e, de modo a detetar os neologismos, deve-se recorrer aos jornais, cartas, até mesmos aos dicionários – confrontando-a com a de etapas posteriores da língua.

No ponto de vista diatópico – um vocábulo pode ser criado, por exemplo, numa determinada região, ficando ele restrito. No caso do vestuário, comidas típicas, danças. Nas regiões em que tais vocábulos, temos, um neologismo diatópico.

No ponto de vista diastrático – vocábulos pertencentes à norma de uma classe social que aí completaram o percurso da desneologização pode ser retomado noutra classe social, assumindo, nos segundos, a função neológica, isto é, sendo percebidos e utilizados como neologismos, com todo impacto semântico e social da novidade lexical.

No ponto de vista diafásico – um termo metalinguístico, técnico específico de uma ciência onde surgiu no passado, como neologismo específico, mas naquele já se desneologizou, já integra a norma discursiva daquele universo de discurso, pode ser adotado noutra área de conhecimento, onde é assumido justamente por sua função neológica, para designar novo recorte; da mesma forma, vocábulos de normas tecno – científicas passam para o universo de discursos político, económico, até para o discurso coloquial,

Com base na natureza variante da língua Boulanger *apud* Ferraz, 2006, pp. 223-224) aponta três critérios:

1. O critério diacrónico baseia-se na data do surgimento de uma unidade lexical, conforme registado em obras lexicográficas ou *corpora*: tem-se um neologismo quando o primeiro registo na língua tiver ocorrido num período determinado.
2. O critério psicológico baseia-se no sentimento de “novidade” que uma unidade léxica desperta numa comunidade: uma palavra é nova se as pessoas assim o sentirem.
3. O critério lexicográfico, por ser menos subjetivo do que os anteriores, costuma ser o mais utilizado nos estudos neológicos: considera-se neologismo toda palavra que não consta no dicionário (com exceções identificadas *a posteriori*, como muitas palavras terminadas pelos sufixos – mente e - inho⁵).

1.1.4 - Causas para a formação de novas palavras

Para Rocha (2003, p. 79), são três as causas da formação de novas palavras:

1. As exigências do sistema linguístico;
2. A influência do sujeito falante;
3. O papel das funções semânticas.

Essas causas, segundo a autora, associam-se a três funções:

1. Função de mudança categorial (por exigência do sistema linguístico): quando é necessário empregar um item lexical de uma classe em outra, pois seria muito anti-económico criar um novo item. Procede-se a uma adaptação morfológica com o auxílio de um sufixo, por exemplo, com a conseqüente mudança da classe lexical.

onde são adotadas [...]. De maneira geral, pois, um vocábulo que já se desneologizou num universo de discursos se neoliza noutro universo de discurso (Oliveira & Isquardo, 2001, pp. 38-40).

⁵ Por exemplo, *pneuzinho* e *magistralmente* não constam nos dicionários, mas nem por isso poderiam ser considerados neologismos.

2. A função expressiva de avaliação (por influência do sujeito – falante): quando o papel do sujeito – falante é preponderante na formação do novo item lexical. É o que se dá com os sufixos afetivos, enfáticos e intensificados.
3. Função de rotulação: quando há necessidade de se dar nomes às coisas, às ações, aos lugares.

Todos esses fatores ou funções podem ser resumidos, a nosso ver, em dois que atuam de uma forma combinada: necessidade expressiva e economia.

Contudo, é importante sublinharmos que as inovações levam os falantes angolanos a atribuir nomes às coisas, pessoas ou fenómenos, em função das novas tendências históricas, sociais, culturais, políticas, económicas e em outros setores da vida quotidiana.

Os neologismos em Angola têm vindo a ganhar importância uma vez que a necessidade de atribuir nomes às coisas, acontecimentos entre outros, faz-se sentir intensamente nos últimos anos dentro da sociedade angolana.

Finalmente, os jornais, como um dos órgãos de comunicação social, e uma das fontes credíveis na divulgação de informações distintas em função de cada área de atuação, a imprensa escrita de Angola, ajudar-nos-á no que concerne à formação do nosso *corpus* de pesquisa. O ponto a seguir trará conceitos ligados à comunicação e o papel da informação no mundo.

1.2 – A Comunicação e o papel da informação no mundo

O processo comunicativo no mundo começou a partir do momento que o homem passou a viver em comunidade, tendo necessidade de comunicar, de modo a exprimir os seus sentimentos e transmitir a sua cultura.

Serra (2007, pp. 16-17) observa a evolução da comunicação em três dimensões em dois grandes períodos. Considera o século XIX dominado pela oralidade e escrita, sobretudo pela imprensa escrita (livros e jornais), com o intuito de inovar os meios de comunicação; o século XX é dominado pelos meios eletrónicos como: telefone, cinema, rádio e televisão, mais recentemente, a internet, introduzindo novas modalidades

comunicativas e dando um potencial significativo a níveis mais extremos de comunicação de massas, nos finais do século XIX. Face à descrição do autor, note-se que o desenvolvimento da ciência e das novas tecnologias, relacionadas com os meios de comunicação, tem vindo a evoluir significativamente, proporcionando a difusão de conhecimentos, permitindo, assim, fluir a comunicação no mundo.

A comunicação de massa por intermédio de jornais, revistas, rádio, televisão, internet, entre outros, tem tido um papel determinante no desenvolvimento lexical através dos processos neológicos, sendo que a língua interliga um grande número de pessoas.

Contudo, a inclusão económica e cultural entre os países, conhecida como globalização, só foi possível a partir da criação e popularização de diversas tecnologias que desempenharam um papel fundamental, tanto para o desenvolvimento da economia mundial, como para a sociedade cada vez mais dependente da tecnologia.

Importa ainda dizer que as redes de comunicação, neste mundo globalizado, cada vez mais rápidas e eficientes, permitiram a comunicação e o acesso rápido à informação em qualquer parte do globo, de modo instantânea. Note-se que as novas tecnologias de informação e comunicação são o resultado da fusão de três vertentes técnicas: a informática, as telecomunicações e os media eletrónicos. Estes criaram no meio educacional um encurtamento em relação aos conceitos de espaço e distância, como as redes eletrónicas e o telemóvel, que nos permitem ter em nossas mãos o que antes estava a quilómetros.

A história do computador e da Internet são muito recentes e estão bem documentadas, sobretudo na comunicação e informação, assumindo um papel cada vez mais preponderante na definição das representações existentes acerca da sociedade da informação. Porém, a imprensa escrita não ficou ultrapassada, mas sofreu alterações significativas, que, numa forma ou outra, desempenham um papel fundamental na comunicação, sobretudo quando se trata de suportes físicos, dando vida às informações, ano após ano.

De acordo com Levacov *et al.* (1998, p. 19) “a tecnologia da imprensa encorajou-nos a pensar no texto impreso como um monumento permanente ao seu autor.

Diferentemente, texto eletrónico – principalmente o hipertexto – nega a fixidez de um texto e possibilita novos diálogos entre autor e leitor”.

Tratando-se de comunicação e informação, há uma variedade de informações que o tratamento digital proporciona: imagem, som, movimento, representações manipuláveis de dados e sistemas (simulações) que, por sua vez, oferecem um quadro de conteúdos que podem ser objeto de estudo. “Entretanto, cada um desses novos elementos de comunicação encontrou o seu espaço e a sua linguagem sem diminuir a importância do suporte papel” (Levacov *et al.*, 1998, p. 23).

De facto, a nossa investigação está direcionada para a imprensa escrita, nomeadamente os jornais, de modo a explorar as possíveis criações de palavras novas dentro do português falado e escrito em Angola.

Sendo que a informação oficial parte de vários órgãos de comunicação social, os jornais, como uma parte destes meios, têm vindo a desempenhar um papel fundamental na identificação de novos vocábulos em vários domínios sociais, nos quais os falantes são alvos. O ponto a seguir trará mais subsídios sobre a imprensa, sobretudo, ressaltando a classificação de conteúdos que são abordados nos meios de difusão massiva.

1.2.1 – Classificação de conteúdos na imprensa escrita, jornais

Os conteúdos jornalísticos possuem uma terminologia que os classifica. No meio de distintas nomenclaturas para definir um mesmo texto ou um conjunto de textos publicados regularmente pela imprensa, levando em consideração as ações sociais em diferentes contextos, “género” é o termo que foi assumido pelos diferentes autores para definir os distintos conteúdos desenvolvidos no seio da classe jornalística.

Melo & Assis (2013, p. 23) afirmam que “Em língua portuguesa, género surge como termo que abarca, desde espécies biológicas até os objetos comunicacionais”. Na mesma perspetiva, Ferreira (1999, p. 980) identifica três significados correntes sobre os géneros: estrutura, formato e conteúdo. O autor estabelece os seguintes conceitos: estrutura - entendido como uma ancoragem biológica, corresponde a um conjunto de

espécies que apresentam um certo número de características comuns convencionalmente estabelecidos, ou seja, “qualquer agrupamento de indivíduos, objetos, fatos, ideias que tenham caracteres comuns”; Forma – filiação estética, levou o autor a definir como maneira, modo e estilo; Conteúdo – compreendendo a natureza tecnológica, refere-se à classe ou à categoria de assunto abordado, ou da técnica utilizada.

Ferreira (1999, p. 3) defende, ainda, que “os gêneros refletiam sobre a identidade dos textos, logo, deram as distinções entre poesia, prosa, tragédia, comédia e outros tipos de discursos”, no intuito de fazer uma simbiose entre linguística e comunicação. Nesta medida, a língua como um veículo para a comunicação, (Bakhtin, 1997, p. 60) explica os gêneros como “tipos relativamente estáveis de expressões linguísticas desenvolvidas em situações comunicacionais específicas que se refletem na forma, no conteúdo e na estrutura”.

Já em Beltrão (1980), o funcionalismo nos conteúdos de órgãos de comunicação massiva ou categorial, classificam-se em três tipos: informativo, interpretativo e opinativo. O autor descreve as subdivisões ou formatos⁶ dentro da categoria informativa: notícia, reportagem, história de interesse humano e informação pela imagem. Já no interpretativo, o autor fez apenas uma classificação, que é a reportagem em profundidade. Na última classificação feita por Beltrão, em gênero opinativo, há cinco formatos: editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada e opinião do leitor. Ao contrário de Luiz Beltrão, que classificou os textos produzidos pela indústria jornalística baseando-se no seu funcionalismo, José Marques de Melo olhou para a perspectiva da intencionalidade dos relatos e a natureza da sua estrutura.

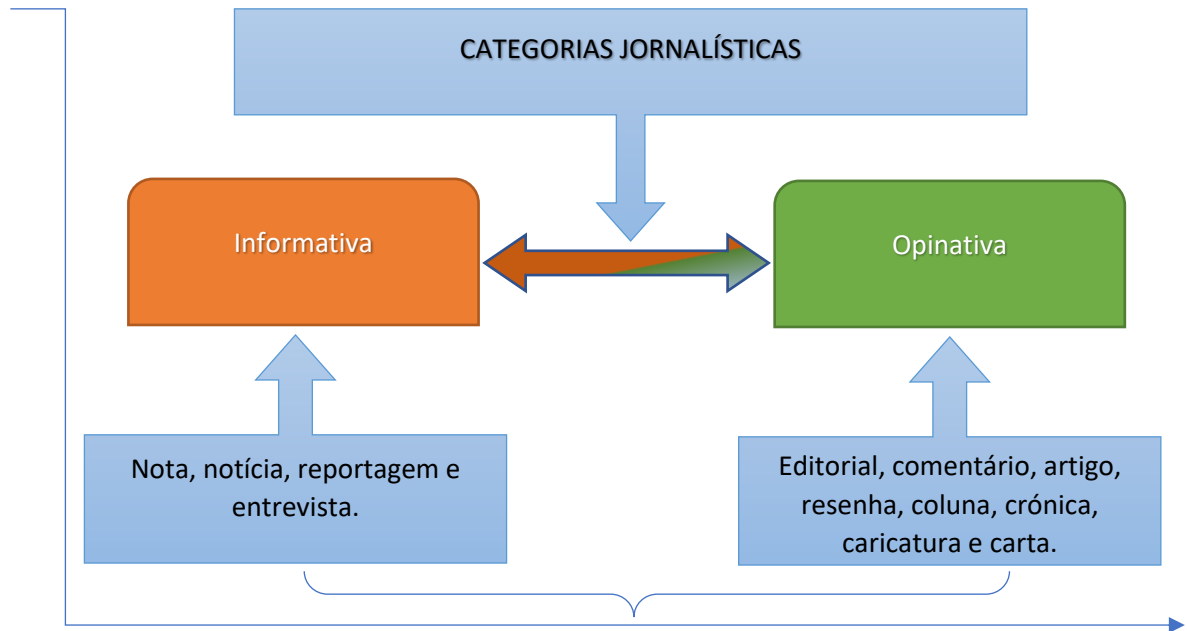
Melo (1998) baseou-se nas ideias de Beltrão (1980) e transpôs três categorias, defendendo cinco tipos de gêneros que, no seu ponto de vista, têm a seguinte classificação:

⁶ Formato – é o feitio de construção da informação transmitida pela mídia, por meio do qual a mensagem da atualidade preenche funções sociais legitimadas pela conjuntura histórica em cada sociedade nacional (Melo & Assis, 2013, p. 32)

[...] género informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário. Nos anos 80, a pesquisa que fiz só me indicou a predominância de informativo e opinativo. A maioria do pessoal só lia, dizendo que eu acho que só existe dois géneros. Não é isso, eu identifiquei somente dois géneros na imprensa diária. De lá para cá, eu venho pesquisando a cada cinco anos e fui encontrando evidências de que outros géneros forma surgindo. O género interpretativo que teve uma vigência muito forte nos anos 60 e 70, e desapareceu nos anos 80, voltou nos anos 90 e agora está se desenvolvendo muito, Melo & Assis (1998, pp. 64-56).

A figura nº 1, faz referência às categorias e géneros jornalísticos, que visam sinalizar os conteúdos jornalísticos de um modelo estabelecido por (Melo 1998).

Figura 1: Géneros jornalísticos



Fonte: (Melo & Assis, 1998, pp. 64-65)

Como referido, Melo (1994) considera dois critérios para estabelecer o modelo ilustrado na figura nº 1, que são: a intencionalidade dos relatos e a sua natureza estrutural.

Quanto ao primeiro critério, Melo (1994, p. 65-66) defende que a articulação do jornalismo está na base de dois núcleos de interesse: “a informação, saber o que se passa e a opinião, saber o que se pensa sobre o que se passa”. No que toca ao segundo

critério, os géneros informativos “se estruturam a partir de um referencial exterior à intuição jornalística”, enquanto os opinativos são de inteira responsabilidade da instituição jornalística e assumem dois modos “de autoria, quem emite a opinião e angulação, perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião.”

1.2.2 – Categoria informativa e opinativa

De acordo com Melo (1994, p. 65), no jornalismo informativo:

- a) A nota corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração e, por isso, é mais frequente no rádio e na televisão;
- b) A notícia⁷ é relato integral de um facto que eclodiu no organismo social;
- c) A reportagem é relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e gerou alterações que são concebidas pela instituição jornalística;
- d) A entrevista é um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecimento, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade.

No jornalismo opinativo Melo (1994, pp. 95-164), o autor conceitua os géneros da seguinte maneira:

- a) O editorial expressa a opinião oficial da instituição perante os fatos;
- b) O comentário explica as notícias, seu alcance, suas circunstâncias, suas consequências e exige uma especialização por parte de quem o faz;
- c) O artigo é um texto assinado por personalidade representativa da sociedade civil;

⁷ Para Sousa (2001, pp. 231-232), a notícia – [...] “um pequeno enunciado reportativo, um discurso sobre um acontecimento recente (ou, pelo menos, de que só no presente se tenha conhecimento), vários acontecimentos ou desenvolvimentos de acontecimentos. Representa também informação nova, actual e de interesse geral. É o género básico do jornalismo”. Na mesma linha de análise, João Maria Mendes diz que a notícia é “um enunciado que fornece uma informação nova e de interesse geral sobre um acontecimento entendível com factual” (Mendes, 2001, p. 393). Para uma visão bastante completa sobre a definição da “notícia”, recomendamos a leitura de Cardet, R. (1980). *Manual de Jornalismo*. 6ª ed. (A. P. Silva, Trad.). Lisboa. Caminho.

- d) A resenha ou crítica corresponde a uma apreciação das obras de arte ou dos produtos culturais, com a finalidade de orientar a ação dos fruidores ou consumidores;
- e) A coluna, tem como espaço privilegiado os bastidores da notícia, descobrindo fatos que estão por acontecer, pinçando opiniões que ainda não se expressam;
- f) A crónica, designa uma composição breve, relacionada com a atualidade;
- g) A caricatura é uma forma de ilustração que a imprensa absorve com sentido nitidamente opinativo;
- h) A carta é a opinião dos leitores.

Para Sousa (2001, p. 139), [...] “a opinião visa influenciar o público e contribuir para o debate de ideias, acontecimentos e problemáticas, enriquecendo o fórum público (por vezes transformado em arena pública)”.

Dos géneros aqui destacados nas categorias jornalísticas, falaremos com mais detalhes sobre notícia no ponto a seguir.

1.2.3 – Imprensa escrita, estrutura da notícia em textos jornalísticos

Geralmente, a notícia tem tido o papel de divulgar os conteúdos de uma comunicação antes desconhecida, ou a divulgação de uma informação recente. Desta forma, para que este produto de género informativo chegue ao leitor, é necessário que se conte ainda com o seu tratamento, aplicando as técnicas de redação jornalística. Assim sendo, esta contém uma estrutura básica dentro das técnicas do jornalismo imprenso.

Importa ainda dizer que a notícia varia sob diversas perspetivas nos textos jornalísticos em função do seu género, no domínio informativo, opinativo, interpretativo entre outros. É refletida em princípios que visam informar o cidadão através da escrita.

Conforme Lage (2005, p. 73) “o texto básico do jornalismo é a notícia, que expõe um facto novo ou desconhecido do mesmo evento com suas circunstâncias”. Portanto, a homogeneidade de uma notícia abarca vários elementos que a constituem, isto é, uma

estrutura⁸. Assim, para se ter uma ideia mais global dos elementos que compõe uma estrutura da notícia, apresentamos a seguir um diagrama estrutural:

Figura 2: Estrutura da notícia



Como referido, a notícia pronta a ser consumida, passa necessariamente por um processo construtivo, obedecendo aos parâmetros estabelecidos dentro das técnicas jornalísticas. Sousa (2001) e Lage (2005) ao caracterizarem os textos jornalísticos, segundo a sua estrutura, modelo seguido pelo jornalista, de modo a compilar uma

⁸ Estrutura – chamada de pirâmide invertida, é a técnica mais comum de construção das notícias. O termo “pirâmide invertida”, significa que, numa notícia, a seguir ao *lead*, todas as restantes informações são redigidas de forma decrescente no corpo de notícia, os factos narrados, vão se tornando cada vez menos importantes.

informação jornalística, consideram pelo menos três elementos: Título⁹, *Lead*¹⁰ e o desenvolvimento ou corpo da notícia¹¹. A imprensa angolana tem vindo a seguir até hoje, o modelo do jornalismo de Portugal.

Em relação ao *lead*, parte considerada mais importante da notícia, Nilson Lage descreve quatro tipos, nomeadamente:

primeiro – *Lead* clássico, ordena os elementos da proposição – quem/o que, fez o que, quando, onde, como, por que/para que – a partir da notação mais importante, excluído o verbo.

segundo – *Lead* resumo, utiliza-se eventualmente na cultura – em geral, continuações (ou suites) – de eventos em que há várias informações de destaque, mais ou menos equivalentes e que devem ser condensadas em uma única matéria de jornalismo impresso diário, cumprindo de 24 horas de cobertura do veículo.

terceiro – *Lead* flash, uma frase curta, que dá o início do texto, este modelo, por vezes é usado como recurso para estabelecer uma relação retórica entre eventos distintos.

Quarto – *Lead* narrativo, ao contrário do *lead* clássico, que começa pela anotação mais importante, aqui se alinham fatos sucessivos que conduzem ao clímax (cf. Lage, 2005, pp. 75-77).

Em termos gerais e em virtude de a notícia compor a categoria preconizada pelo ambiente jornalístico, caracteriza-se como uma narrativa técnica. Tal atribuição está condicionada principalmente à natureza linguística, diferente da linguagem literária, que,

⁹ Título – [...] “os títulos devem ser informativos, sintetizando o núcleo duro da informação numa frase curta, forte e sedutora” (Sousa, 2001, p. 200).

¹⁰ *Lead* - é o primeiro parágrafo da generalidade das peças jornalísticas, mas esta designação é mais apropriada ao primeiro parágrafo de uma notícia ou de uma reportagem. Portanto, para o autor, geralmente, é informação mais importante, que visa responder as questões a que, segundo a retórica do jornalismo, se deve responder da notícia: “*Quem?*”, “*O Quê?*”, “*(Quando?)*”, “*(Onde?)*”, “*(Como?)*” e “*(Porquê)*” (Sousa, 2001, pp. 220-221).

¹¹ Corpo da Notícia – “para o desenvolvimento de uma notícia, consideram-se os papéis temáticos do *lead*”. Para o autor, as respostas obtidas através das perguntas grifadas no *lead*, são fundamentais para que se tornem em tópicos de desenvolvimento da notícia (cf. Lage, 2005, pp. 77-78).

em via de regra revela traços de inversas subjetividades, a imparcialidade, neste âmbito, é a palavra de ordem.

Em suma, a nível estrutural, este género ou formato informativo tem como estrutura canónica a pirâmide invertida: o título, *lead* e o corpo da notícia. Portanto, o *lead* é a “cabeça”, pois é o primeiro parágrafo da notícia que resume e arquiva o essencial da informação obtida a partir das seis questões clássicas (vd. nota 11) e determina de forma geral, a sua leitura, o seu aproveitamento. Efetivamente, um bom *lead* realça a notícia; um mau *lead* é capaz de a destruir.

Assim sendo, como a notícia se pauta por relatar factos condicionados ao interesse do público em geral, a linguagem jornalística deverá ser clara, objetiva e precisa, isentando-se de quaisquer possibilidades de ocasionar múltiplas interpretações por parte do leitor.

1.2.4 – Linguagem jornalística utilizada na imprensa escrita

A linguagem jornalística deve ser clara, simples, imparcial e objetiva, a fim de expor ao emissor as principais informações sobre o tema. De acordo com Sousa (2001), a redação de jornal deve pautar-se pela brevidade e pela clareza, sendo que, quanto mais longas são as frases, mais difícil é o seu entendimento:

Ser breve representa uma mais valia para o enunciado jornalístico. Deve evitar-se a prolixidade. Não se pode cair na irrelevância informativa. Devem evitar-se orações e parágrafos longos e confusos. Pelo contrário, devem preferir-se frases curtas, escritas na ordem direta (sujeito - predicado - complemento) [...]. Na sua construção, deve empregar-se um vocabulário simples (mas não simplório) e verbos fortes, escritos na voz ativa e, se possível, no presente do indicativo (Sousa, 2001, p. 149).

A reflexão deste autor remete para a ideia de que a questão da linguagem jornalística está intrinsecamente relacionada com a própria sociedade, consumidora deste produto. Se, por um lado, os leitores de diferentes estratos sociais são escolhidos por uma comunidade a fim de que sirvam de público-alvo para o consumo deste produto (notícia), através de uma língua, por outro, a linguagem jornalística utilizada para o efeito

deverá facilitar a compreensão, logo, ao tentar comunicar com o público vasto e diverso, a escrita deve ser acessível, se bem que heterogénea e em constante mutação.

Em relação a este aspeto, Traquina (2004, p. 84) afirma que “a linguagem jornalística deve possuir certos traços que vão no sentido de ser compreensível: a) frases curtas; b) parágrafos curtos; c) palavras simples; d) uma sintaxe direta e económica; e) a concisão e f) a utilização de metáforas para incrementar a compreensão do texto”.

Em Angola, como também noutros países do continente africano, as práticas resultantes da linguagem jornalística não são ainda bem aplicadas aos jornais públicos e privados de Angola, na medida em que, certas informações chegam distorcidas ao leitor.

Erbolato (1985, pp. 94-96) reforça que o texto jornalístico, “além de obedecer a gramática, deve ser claro, harmónico, preciso, ter unidade e seguir uma sequência lógica e sem fugir do assunto”, de modo a cativar o leitor até ao final do texto, mesmo que esteja redigido através do estilo da pirâmide invertida. Para o efeito, além da regra gramatical a seguir, o autor aconselha e estabelece algumas regras para um bom texto:

- (i). Use linguagem simples, como a que você empregaria se fosse conversar com um estrangeiro que entendesse com dificuldade a língua portuguesa;
- (ii). Escreva na ordem direta. É a mais recomendável, pois apresenta clareza;
- (iii). Não empregue muitas palavras em cada oração;
- (iv). Dê preferência a verbos na voz ativa e eliminando, sempre que é possível, os verbos auxiliares;
- (v). Evite ao máximo os adjetivos, colocando-os apenas quando for absolutamente necessário;
- (vi). Selecione as palavras, escolhendo as mais simples e de fácil entendimento para quem irá lê-las e
- (vii). As siglas desde que não muito conhecidas, ou tipicamente locais, devem ser explicadas (Erbolato, 1985, pp. 94-95).

Com base nas afirmações acima avançadas, compreendemos que, de facto, os conselhos e regras defendidas pelos autores servem, em certa medida, como um canal, para que a informação chegue ao leitor de forma facilitada.

Contudo, a linguagem jornalística acima recomendada é recusada por outros autores, na medida em que o jornalista é livre para desenvolver os conteúdos atendendo à diversidade de coberturas. Segundo Gaillard (1971, p. 84), “não existe um estilo jornalístico uniforme e, conseqüentemente monótono, [...] até dentro de um mesmo

gênero há margem suficiente para permitir que cada qual exprima a sua personalidade no seu próprio estilo”. Esta ideia é corroborada por Crato (1986, pp. 121-122) afirmando que, “o estilo jornalístico não implica a perda de personalidade dos profissionais”, sendo que, [...] o redator tem uma margem alargada para a utilização do seu modo particular de escrita e é mesmo possível, em alguns gêneros como a crónica ou o inquérito, desenvolver um estilo literário próprio.

O pensamento destes investigadores traduz a ideia de que, por um lado, a uniformização da linguagem a ser usada proporciona maior fluidez às informações diante dos leitores, por outro limita os profissionais da comunicação social no desenvolvimento das suas atividades.

Todavia, em função do ponto de vista dos autores acima, Orlando Raimundo explica que “o leitor é preguiçoso por definição”, portanto, o segredo está na eficácia: “um máximo de novidades num mínimo número de palavras. Há que sacrificar, por isso, os apetites estilísticos, colocando a escrita ao serviço da informação” (Raimundo, s.d, p. 33).

Com base nas reflexões de Orlando Raimundo, entendemos que o ponto da situação que se prende com o desdobramento da linguagem na classe jornalística é no sentido de os profissionais abdicarem do seu estilo pessoal, evitando a linguagem de especialidade e escrever frases curtas, diretas e rigorosas, proporcionando uma leitura rápida e eficaz da mensagem a ser transmitida.

CAPÍTULO II

CONTEXTUALIZAÇÃO DA IMPRENSA ESCRITA EM ANGOLA

Falar da imprensa escrita angolana leva-nos a refletir sobre o seu nascimento até à sua oficialização. Entretanto, neste capítulo, traremos subsídios sobre o percurso da imprensa escrita relativamente à fase pós-independência de Angola e às leis que credibilizaram os órgãos de comunicação social local.

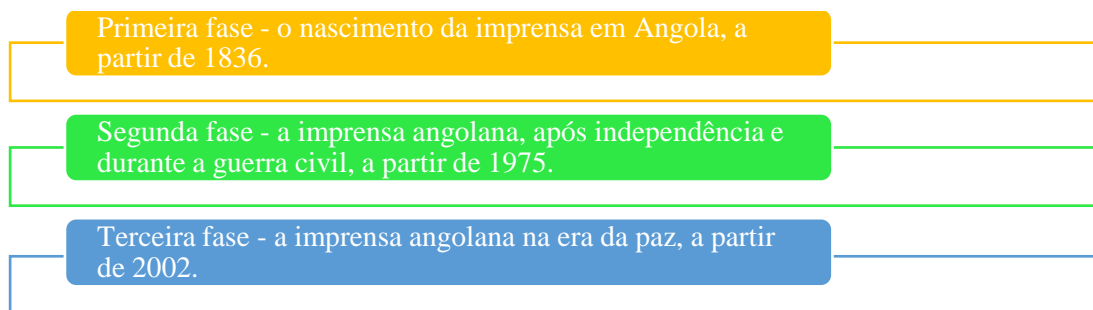
2.1 – Historial da imprensa escrita angolana

Como referido, a linguagem jornalística deve pautar-se por um modelo que facilita a fluidez da informação dentro da imprensa escrita, através das técnicas padronizadas na classe. No entanto, pretendemos refletir com alguma atenção sobre os passos que foram dados até à afirmação da imprensa escrita em Angola.

Partindo para a questão que se prende com o surgimento da imprensa escrita em Angola, importa sublinhar que passou por três grandes fases: colonial – fase da imprensa oficial, pós-colonial – fase da imprensa independente e o atual – fase da imprensa industrial.¹²

Para se ter uma ideia mais global da trajetória que a imprensa angolana percorreu, apresentamos a seguir um diagrama que descreve os períodos da imprensa angolana:

Figura 3: Fases da evolução da imprensa angolana



Fonte: criação do autor

As três fases de evolução da imprensa escrita angolana a que fazemos menção neste trabalho na figura número 3, sob o ponto de vista histórico tiveram os seus percursos em função da transição de um regime político socialista para o democrático.

¹² **Lopo, Júlio de Castro** – na resenha do seu livro sobre “Jornalismo de Angola. Subsídios para sua história”. Disponível em: <http://teoriadojornalismo.ufp.edu.pt/inventarios/lopo-j-1964>. Acesso em 15 de janeiro de 2019.

De seguida apresentaremos uma descrição de alguns momentos que marcaram a sua história.

2.1.1 – O nascimento da imprensa angolana

O contexto do surgimento da imprensa escrita em Angola teve uma particularidade em relação às outras fases, na medida em que a sua evolução obedeceu a três grandes momentos.

- (i) Imprensa oficial – para Júlio de Castro Lopo¹³, 13 de setembro de 1845, data em que testemunhou oficialmente a publicação do primeiro jornal, em Luanda, capital da antiga República Popular de Angola, atual República de Angola. O autor ainda avança que, nesse período, pormenor de nota é a referência dos jornais produzidos por “angolenses”, termo usado na altura para os naturais de Angola, por oposição aos colonos provenientes de Portugal.

João Pedro da Cunha Lourenço na sua tese de monografia sobre “A imprensa e a problemática da liberdade de imprensa em Angola¹⁴” faz saber que a imprensa angolana teve o seu surgimento quando Angola ainda era província ultramarina de Portugal (período colonial) em 1836, com o jornal “Boletim do Governo Geral da Província de Angola” que transmitia as informações legais, comerciais e gerais necessárias para o público residente na colónia. Passados alguns anos, em 1847 e de modo a ser oficializado, o título do jornal sofreu alteração e passou a chamar-se “Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Angola.

- (ii) Imprensa independente - na sequência da expansão e do constante desenvolvimento dos jornais, Ismael Mateus explica que, em 1856, surge “Aurora”, o primeiro jornal de carácter literário e recreativo, fundado por Ernesto Marcos, F. Teixeira da Silva e Alfredo Sarmato. Portanto, a fase da imprensa independente ou livre também foi um período em que abriu a série

¹³ Lopo, Júlio de Castro – na resenha do seu livro sobre “Jornalismo de Angola. Subsídios para sua história”. Disponível em: <http://teoriadojornalismo.ufp.edu.pt/inventarios/lopo-j-1964>. Acesso em 15 de janeiro de 2019.

¹⁴ Lourenço, João Pedro da Cunha – “A imprensa e a problemática da liberdade de imprensa em Angola: 1866-1923, Luanda, [Monografia] 2003, p. 10.

de periódicos eminentes com o surgimento do jornal “A Civilização da África Portuguesa”, um semanário fundado por António Urbano Monteiro Castro e Alfredo Júlio Cortês Mântua¹⁵, entre outros.

- (iii) Imprensa Industrial ou profissional – época considerada como o início da imprensa comercial e de circulação regular espelhada na abertura de mais um órgão de comunicação social “A província de Angola” (PA), dentro da imprensa escrita, pelo fundador Adolfo Pina¹⁶. Portanto, treze anos depois, isto é, em 1936, a história regista o surgimento do jornal “Diário de Luanda” (DA), jornal semelhante ao PA, os quais constituíram as duas mais antigas publicações angolanas, em 1974.

Com base nas afirmações acima avançadas, podemos dizer que a imprensa escrita angolana nasceu em Portugal, país colonizador de Angola. Com o efeito, desde então, a imprensa angolana tem vindo a seguir o modelo do jornalismo português. No entanto, com a independência de Angola, a comunicação social do estado angolano, sobretudo na imprensa escrita, tornou-se mais democrática, tendo saído do regime político e socialista.

2.1.2 – Fase da imprensa angolana, após a independência

No período da descolonização, no intervalo entre a colonização e a independência, registou-se a fuga massiva de quadros na classe jornalística, imigrando de preferência para Portugal. Segundo Ismael Mateus (2001), “[...] só ficou em Angola quem tinha identidade ideológica com o partido no poder¹⁷ ou ativos defensores da causa independente [...]”. No entanto, nessa altura, “muitos profissionais, com experiência adquirida no tempo colonial, mantiveram-se no país e a estes juntaram-se “novos quadros”, sendo que a maior parte deles vieram da vida política”.

¹⁵ No dia 6 de dezembro de 1986, começou a circular em Luanda, o primeiro jornal privado, com consistência e continuidade, que teve como fundadores os advogados António Urbano Monteiro de Castro e Alfredo Júlio Cortês Mântua.

¹⁶ 16 de agosto de 1923, surgiu o jornal “A Província de Luanda”, fundado por Adolfo Pina.

¹⁷ MPLA – movimento Popular de Libertação de Angola, antigo e atual partido no poder.

É importante realçar que a imprensa escrita angolana foi fundada aquando da proclamação da independência, em novembro de 1975. O “Província de Angola” alterou o nome para “Jornal de Angola” (em 1974), passando a ser um jornal estatal.

Os jornais da capital e das províncias deixaram de ser editados. Entretanto, o “Diário de Luanda”, um dos jornais considerado dos mais antigos no século XX em Angola, cessou a sua publicação em maio de 1977 depois de a sua editorial ter sido conotada com o fracionismo¹⁸, uma fragmentação do partido no poder em Luanda.

O ano de 1975 foi marcado pela criação da agência nacional de notícias, Angola Press (ANGOP), em paralelo com a Rádio Nacional de Angola (RNA), a Televisão Popular de Angola, a atual Televisão Pública de Angola (TPA), cuja oficialização só se veio a verificar em fevereiro de 1978. A partir deste momento, a ANGOP estabeleceu-se em todo o país e cria delegações no exterior, dispondo hoje de equipamentos de ponta, com emissões computadorizadas e serviços noticiosos em website próprio.

Com o surgimento dos órgãos de “massa” acima referenciados, criou-se uma associação dentro da classe jornalística, a União dos Jornalistas Angolanos (UJA), organização fundada com o intuito de unir o grupo jornalístico com o objetivo principal de intervir, sobretudo, nas questões sociais.

Após Angola se ter tornado independente do domínio de Portugal, devido às disputas de movimentos de libertação sobre quem devia governar o país, começou imediatamente uma guerra civil que teve o seu início em 1975 e continuou, com alguns intervalos, até o seu fim, em 2002. Por esta razão, aconteceu a quase total restrição de informações pluralistas e o controlo quase absoluto das linhas editoriais, por parte do partido no poder.

¹⁸ Fracionismo foi o nome dado a um movimento político angolano, liderado por Nilton Alves (ex-ministro do interior de Angola, 1945-1977).

2.1.3 – Constituição e a imprensa escrita

O processo de descolonização em Angola agregou vários elementos que permitiram que o país fosse crescendo em diferentes sectores. As leis como normas jurídicas regularmente aprovadas pelos representantes (deputados) do povo visaram estabelecer a organização e as condutas necessárias para o desenvolvimento coletivo e, também mereceram um olhar atento pelo governo (executivo) angolano dessa altura. Portanto, a atual Constituição da República de Angola (CRA) de 2010, teve o seu nascimento em 30 de junho de 1975¹⁹, tendo sido revista em 1992²⁰. Ela agrega um projeto, um estatuto, uma tábua de valores e leis de Estado, destinada a reger, orientar e se adaptar às necessidades da vida²¹.

Partindo para a questão que se prende com a afirmação do exercício da atividade jornalística em Angola, importa salientarmos que existem leis que regulam a prática da mesma. De entre elas, vamos aqui enumerar as relacionadas com a comunicação social, sobretudo na imprensa escrita, nosso campo de ação:

- I. A Lei sobre o Conselho Nacional de Comunicação Social (Lei n.º 7/92 de 16 de abril)²²;
- II. A Lei de Imprensa, uma norma transversal a todos os setores da comunicação social (Lei n.º 7/06 de 15 de maio), pois, visa estabelecer os princípios gerais que a atividade da comunicação social (televisão, rádio e jornal) deve enquadrar, e cujo o objetivo é regular as formas de acesso e exercício da liberdade de imprensa²³.

¹⁹ Para uma visão mais global convidamos a consultar o (CRA, 2015)

²⁰ O Acordo de Bicesse (acordo de paz) assinado em maio de 1991 entre a UNITA e o MPLA, atual partido no poder, visava cessar com a guerra civil e marcar as primeiras eleições presidenciais que tiveram lugar nos dias 29 e 30 de setembro de 1992. Antes do período eleitoral, a Constituição da República de Angola (CRA, 1975) foi revista face ao pleito eleitoral.

²¹ A Constituição não dá respostas às necessidades, serve de fundamento a estas respostas, ou seja, limite ou inspiração às respostas mais importantes da vida em sociedade (cf. CRA, 2015, p.12).

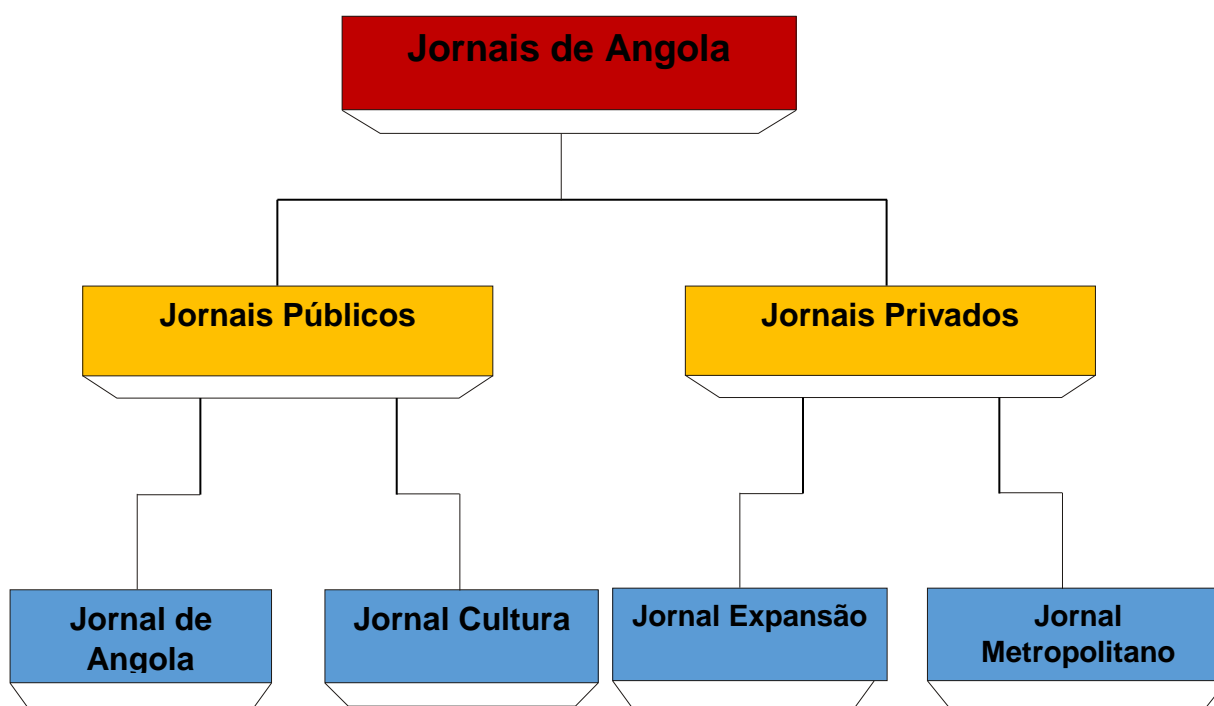
²² (CRA, 2015).

²³ Lei de imprensa que veio revogar a anterior. Cfr. Canhanga, Luciano – **Análise e comentários à Lei n.º 7/06 de 15 de maio – Lei de Imprensa**. Comunicação, etnografia, linguística e história. Disponível em: <http://olhoensaios.blogspot.com/2006/12/anlise-e-comentarios-lei-706-de-15-de.html>. Acesso em 29 de janeiro de 2019.

No cumprimento legislativo das leis inerentes à comunicação social em Angola e, de modo a permitir um trabalho mais aberto dentro da classe, no artigo 44º, nº 1, é garantida a Liberdade de Imprensa – não podendo estar sujeita a qualquer censura prévia, nomeadamente de natureza política, ideológica ou artística (cf. CRA, 2010).

Em suma, parece-nos que a atual constituição apresenta um amadurecimento e alargamento dos direitos fundamentais, em especial no setor da comunicação social. Sem mais delongas, faremos uma resenha, no ponto a seguir, sobre os jornais que representam o *corpus* do nosso trabalho.

Figura 4: Jornais constituinte dos corpora Jornais de Angola



Fonte: criação do autor

2.1.4 – Vulgarização dos jornais

Atualmente, a comunicação social em Angola está bem integrada e tem um papel mais interventivo, por não estar intrinsecamente ao serviço do partido no poder como nos primeiros anos após a independência, mas sim, pela defesa da “coisa pública” e dos direitos, liberdades e garantias fundamentais.

As consultas que temos feito permitem-nos saber que o atual sistema de regulação da imprensa em Angola está mais evoluído, pois, regista mais de 10 jornais impressos e 8 digitais, destacando o surgimento do *Jornal Metropolitano de Luanda* que está há dois anos no mercado angolano. Num universo de aproximadamente vinte jornais existentes em Angola, entre públicos e privados, selecionamos quatro jornais de forma aleatória para compor o *corpus* do nosso trabalho, nomeadamente: *Jornal de Angola*; *Jornal Cultura*; *Jornal Expansão* e *Jornal Metropolitano de Luanda*.

O *Jornal de Angola* é considerado o decano dos órgãos de informação de Angola por ser o primeiro órgão de comunicação social a surgir no território nacional, em 1923 através de um semanário intitulado “A província de Angola” e, posteriormente em 1974 antes da independência de Angola, ganhou a categoria de *Jornal de Angola* (primeiro órgão de imprensa escrita estatal em Angola).

Em seguida, *Jornal Cultura*, também é um dos jornais estatais de Angola, um jornal de informação e opinião cultural quinzenal. Aposta numa informação diversificada sobre o espaço cultural angolano, conciliando matéria informativa com conteúdos de carácter científico ou de criação literária, abrangendo domínios tão variados como Literatura, Artes plásticas, Música, Dança, História, Cinema, Teatro, Antropologia, Património, Ciências Sociais e Naturais, Filosofia, Fotografia, Arquitetura, Línguas, Ensino e Educação, Geografia entre outros. O jornal revelou ser de grande importância atendendo aos conteúdos que ali são divulgados.

No que toca aos jornais privados, o *Jornal Expansão* também integra o nosso *corpus*. Um semanário no mercado angolano desde 2012, trazendo principalmente na sua linha editorial informações de carácter económico e financeiro.

Finamente, o *Jornal Metropolitano de Luanda*, um periódico privado de carácter quinzenal completa o nosso *corpus* e é o mais recente órgão da imprensa escrita angolana. Surgiu em 2017 com o objetivo de refletir a vida das comunidades, o saneamento básico e a recolha do lixo, a conservação das vias rodoviárias, a circulação automóvel, a rede de distribuição de água e energia elétrica, o comércio, as indústrias, a venda ambulante no meio do trânsito, os pedintes, os pequenos negócios e ofícios, as

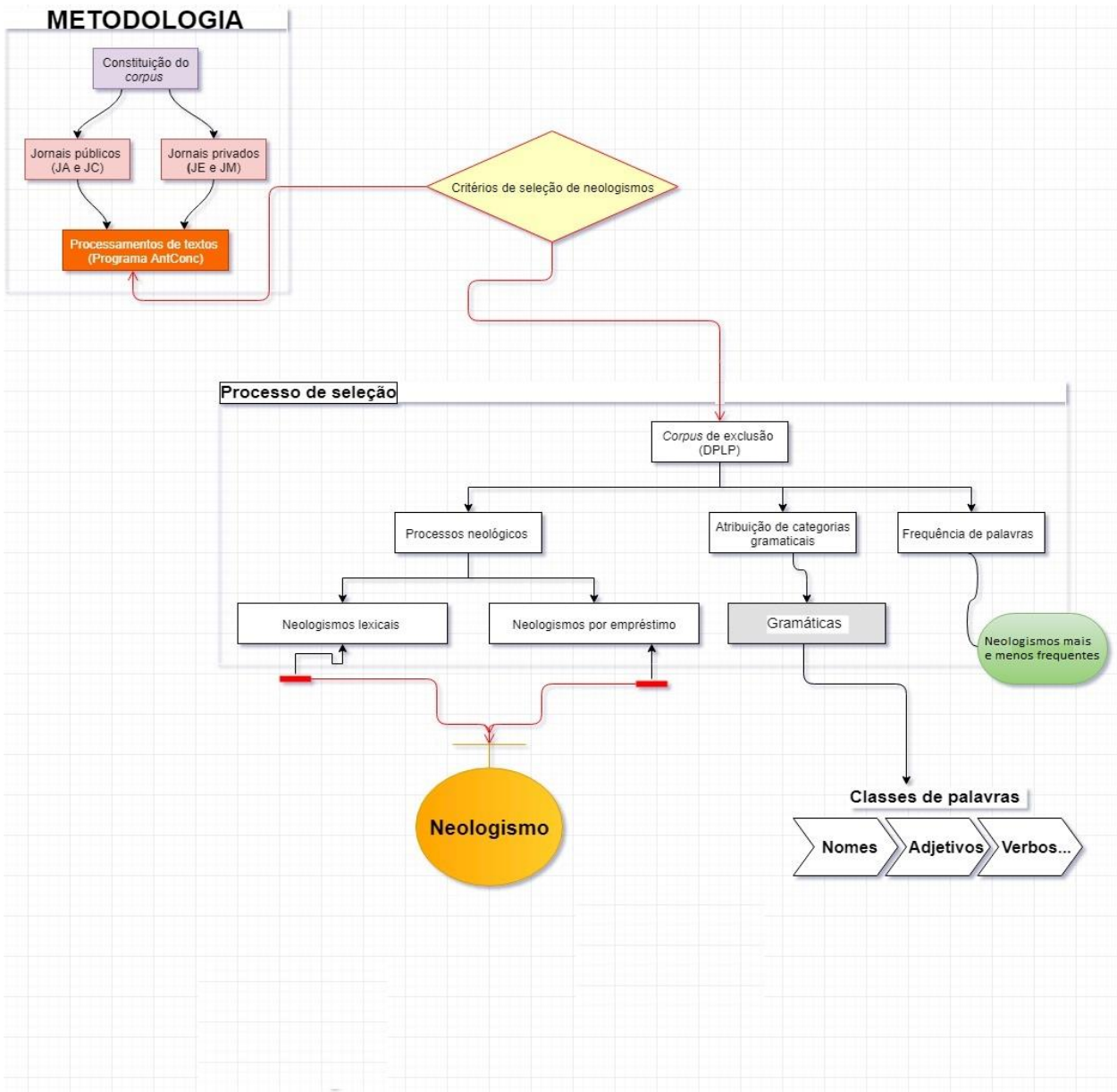
festas e espetáculos, a poluição ambiental e sonora, as praias e os banhistas, entre outros assuntos que constituem os problemas da comunidade luandense.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

Neste capítulo, será apresentado, de forma detalhada, o processo de análise de dados a partir da constituição do *corpus*, o programa utilizado, os critérios que estiveram na base da identificação e seleção de neologismos, isto é, o *corpus* de exclusão, atribuição de categorias gramaticais e a classificação neológica. A figura número 5 ilustra o processo metodológico percorrido.

Figura 5: Diagrama metodológico



Fonte: criação do autor

3.1 – Constituição do *corpus*

A Linguística de *corpus* e a Linguística computacional apontam critérios metodológicos que consistem na recolha criteriosa e exploração de *corpora* textuais digitalizados com o propósito de fazer estudos sobre as línguas ou variedades linguísticas.

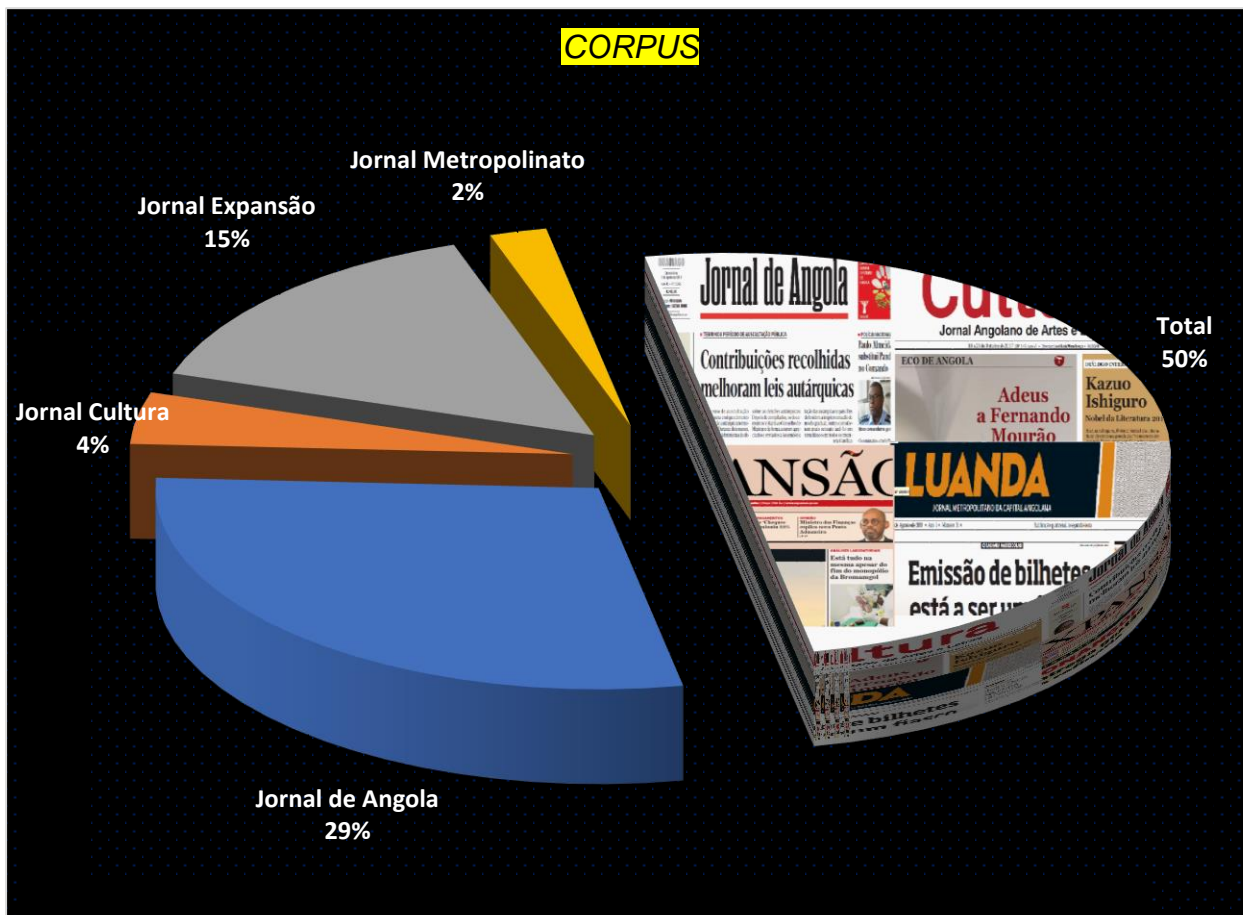
Lindo & Contente (2011), no curso de verão ministrado na Universidade de Nova de Lisboa (UNL – FCSH, 2014) com o título “Léxico e Ensino de Línguas para fins específicos, Língua Materna (LM) e Língua Estrangeira (LE)” afirma que em 1968 foi o ano que o *corpus* textual informatizado começou a ser trabalhado resultando na base de dados FRANTEXT, predominância de textos literários, que deu origem ao *Trésor de la Langue Française – Dictionnaire du XIXe e XXe siècles*. Anos depois, com uma base de dados de textos diversificados, surgiu o *corpus textual* organizado por Sinclair (1987) que possibilitou a criação do primeiro dicionário a ser compilado a partir de um *corpus* informatizado da Língua Inglesa, o *Dictionary Collins – Cobuild*.

Note-se que a maior parte dos estudos sobre unidade lexical neológica, feito por investigadores conceituados como Bernard Quemada, autor do primeiro observatório em França, Teresa Cabré (Espanha), Ieda Alves (Brasil), Teresa Lino (Portugal) e outros, tiveram como base *corpus* de extração de textos jornalísticos da imprensa escrita.

Para constituição do nosso *corpus*, delimitamos o período compreendido entre os segundos semestres de 2017 e de 2018 para os jornais de Angola, Cultura e Expansão e o segundo semestre de 2018 e os meses de janeiro e fevereiro de 2019 para o jornal Metropolitano de Luanda por ser representativo da atualidade e pelas temáticas diversificadas.

A presente pesquisa obedece a uma metodologia analítica, descritiva e qualitativa, baseada na Análise de Conteúdos (AC) dos aspetos e elementos que caracterizam as palavras novas presentes na construção dos conteúdos noticiosos para os leitores. O gráfico número 1 ilustra numa perspetiva de 50% como está constituído o *corpus*.

Gráfico 1: Constituição do *corpus*



Fonte: Criação do autor

Para a constituição do *corpus*, seleccionamos 168 edições dos quatro jornais, num período compreendido entre 2017 e 2018 (segundos semestres), sendo que 97 edições para o *Jornal de Angola* correspondente a percentagem máxima de 58%, 50 recolhidos no *Jornal Expansão* com 30%, 14 do *Jornal Cultura* que corresponde a 8% e finalmente 7 para o *Jornal Metropolitano* com a percentagem de 4%.

Obtivemos um disco externo com todos os ficheiros digitalizados em padrão de arquivo “pdf”, formato lido pelo programa *Adobe Acrobat*. Entretanto, neste formato não era possível extrair os termos através do programa utilizado (*AntConc*). Para o efeito, utilizou-se o programa “*AntFileConverter*”, transformando-os em arquivos de texto (.txt), constituindo assim, uma base de dados para a verificação de palavras e a sua frequência.

Após o tratamento anterior, inserimos os arquivos de texto (.txt) no programa **AntConc** onde foram submetidos à contagem e às respectivas ocorrências (frequência), conforme ilustra a tabela número 1.

Tabela 1: Estatística do número de palavras encontradas antes e depois da filtragem

Jornais	Antes da Filtragem				STOP LIST	Após filtragem		
	Nº de Edições	Nº Total de palavras	Frequência	Nº de Vocábulos		Nº de palavras após filtragem	Frequência	Vocábulos candidatos a neologismos
Jornal de Angola	97	3481020	3389915	91105	7733	1033012	949175	83837
Jornal Expansão	50	1456509	1405962	50547	7733	418448	374451	43997
Jornal Cultura	14	197561	169482	28079	7733	47074	26523	20551
Jornal Metropolitano	7	135156	118302	16854	7733	38275	26144	12131
Total	168	5270246	5083661	186585		1536809	1376293	160516

Fonte: Criação do autor

Através do programa utilizado, foi possível fazer a contagem de um total de 5270246 palavras nos quatro *corpora*, correspondente a 186585 vocábulos. A diferença entre os resultados é de 5083661 frequências, num total de 168 edições de jornais que constituem o *corpus*. Após a filtragem de 7733 vocábulos, que fazem parte de uma lista a não serem lidos (STOP LIST), restaram 1536809 palavras, 1376293 frequências e 160516 vocábulos candidatos a neologismos.

A STOP LIST foi constituída baseando-se nos critérios de exclusão: nomes, adjetivos, determinantes, quantificadores, pronomes, verbos, advérbios, preposições,

conjunções e interjeições, vocábulos reconhecidos no uso comum da língua portuguesa e com registo em dicionário.

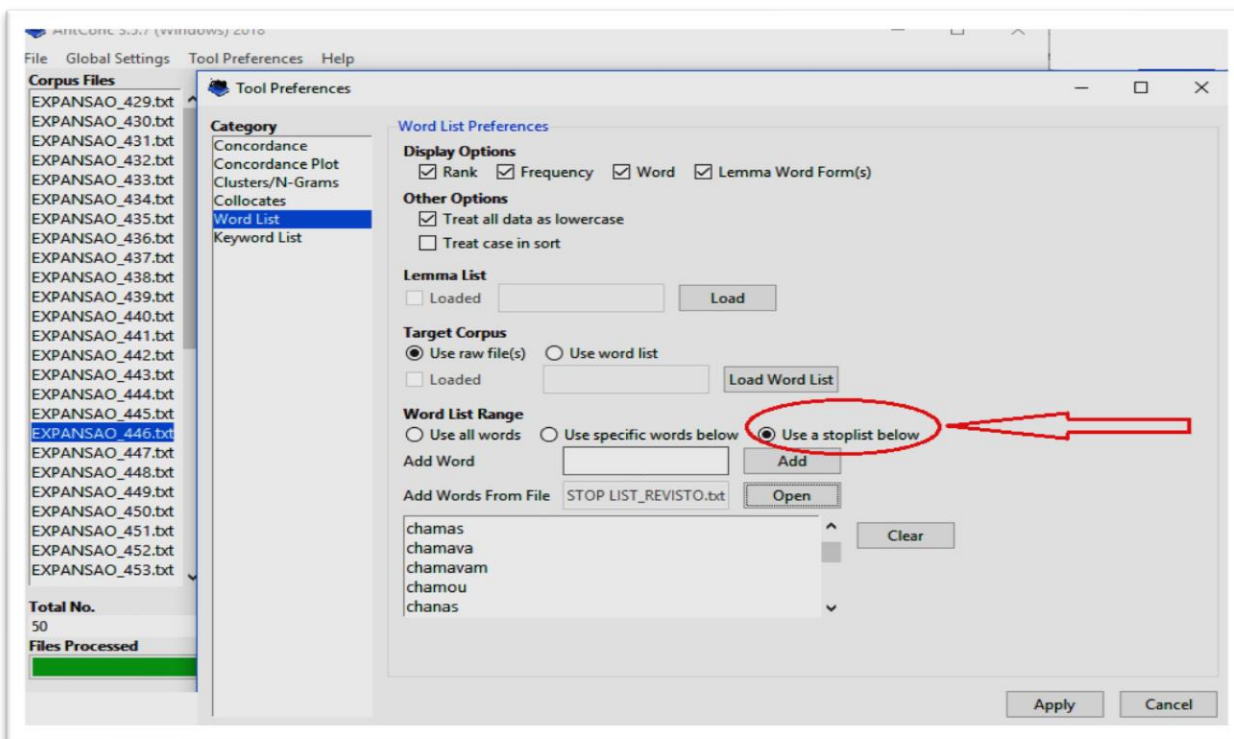
3.2 – O Programa utilizado

De modo a analisar os dados, conforme fizemos nota inicialmente, selecionou-se o programa “AntConc”, desenvolvido por Laurence Anthony. Três grandes razões que nos levaram à escolha deste software: é uma ferramenta atual em estudos de linguística de *corpus*, de uso fácil, pois oferece-nos a possibilidade de utilização de textos em português-; é de utilização gratuita; é um aplicativo muito leve, isto é, o peso é de 4 *megabytes*.

De modo a salvaguardar as palavras acentuadas graficamente e com cedilhas, selecionamos a codificação dos textos UTF-8, permitindo o aparecimento das palavras sem alterações de caracteres.

Quatro ferramentas (menus) foram-nos muito úteis no programa, nomeadamente: *Stop List*, *Word List*, *Concordance* e *File View*.

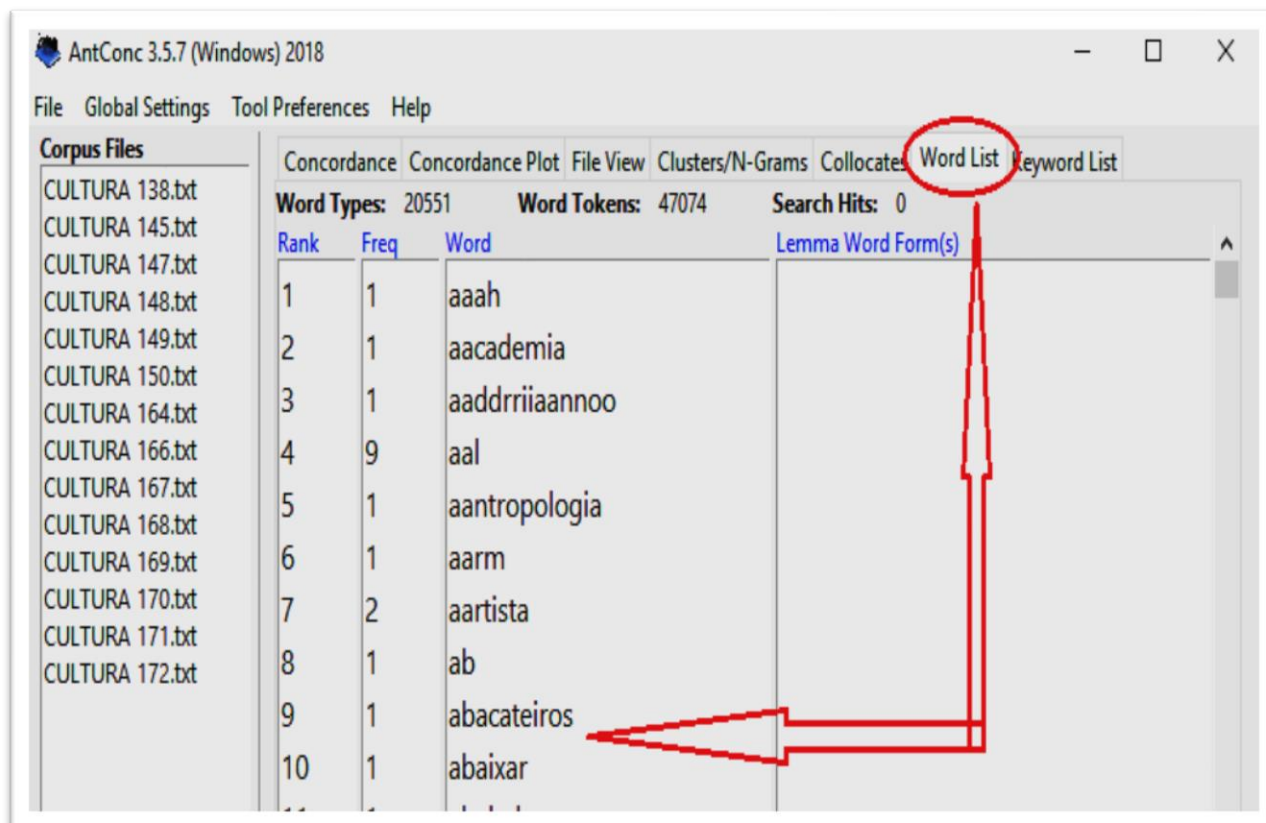
Figura 6: Stop List



Fonte: criação do autor

A ferramenta *Stop List* permite a inserção de palavras que não se pretende estudar, no caso, as palavras consagradas. Uma lista criada num arquivo simples, incluído uma palavra abaixo da outra, sem deixar espaço. Assim sendo, introduzimos cerca de 7733 vocábulos consagrados no dicionário de exclusão com o intuito de as filtrar no *corpus* em estudo.

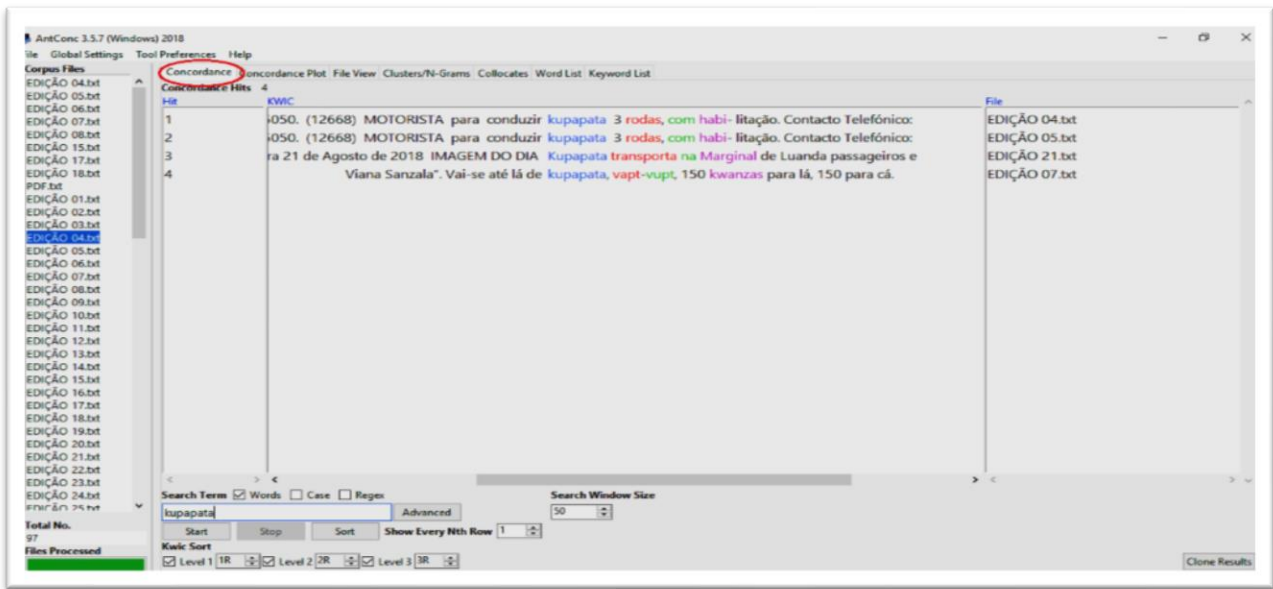
Figura 7: Word list



Fonte: criação do autor

A *Word List* permitiu-nos mostrar todas as palavras existentes no *corpus* em estudo, sobretudo no momento do processamento das palavras e na verificação dos neologismos. É possível observar na figura que o *corpus* do *Jornal Cultura* está constituído por um total de 20551 vocábulos candidatos a neologismos e por um total de 47074 de palavras repetidas.

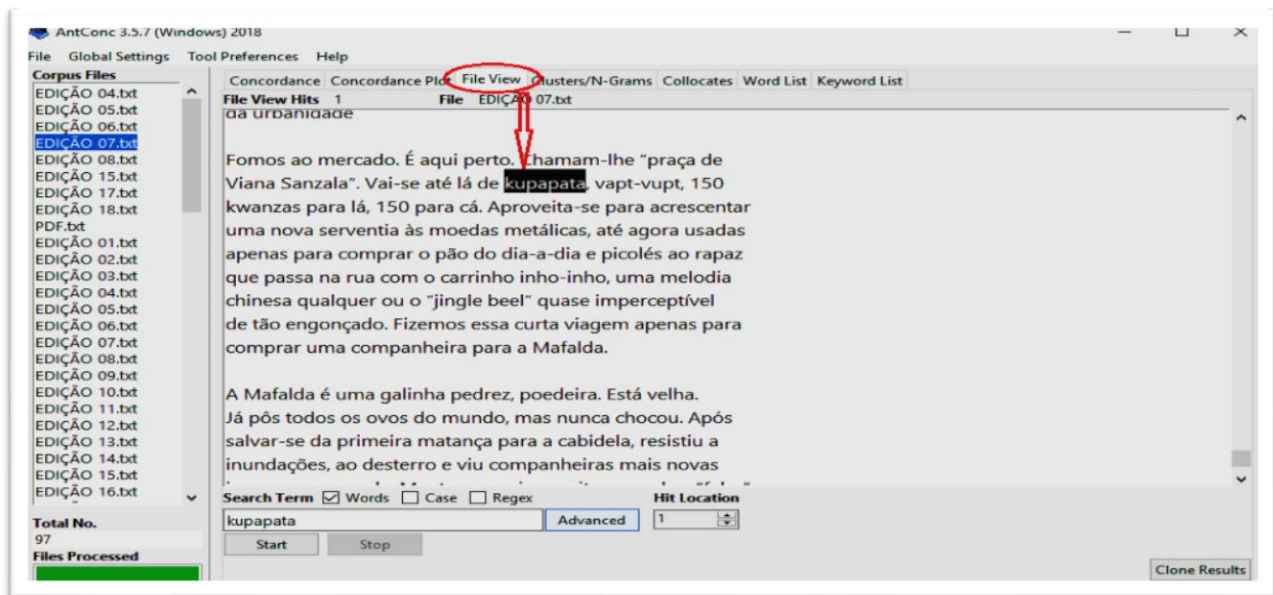
Figura 8: Concordance



Fonte: criação do autor

A ferramenta *Concordance* foi fundamental para visualizar o contexto à esquerda e à direita do neologismo. Também permitiu verificar a frequência, ou seja, quantas vezes o vocábulo estava repetido. Possibilitou-nos igualmente a identificação do ficheiro ou jornal em que o termo se encontrava.

Figura 9: File View



Fonte: criação do autor

Finalmente, o menu *File View* mostrou-nos de forma íntegra o texto e os dados da notícia: o texto em que está inserido o neologismo, o título da notícia, o número da edição, a página e a data da sua publicação. A figura ilustra o exemplo do neologismo “Kupapata” verificado no *corpus* do Jornal de Angola.

3.3 – Critérios de seleção dos neologismos

Para constatar a presença de neologismos através do programa utilizado, tivemos como base os critérios de seleção seguintes:

3.3.1 – *Corpus* de exclusão

Consideramos *corpus* de exclusão ou prova lexicográfica o “Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP)”²⁴, um dos dicionários mais utilizados como fonte de referência em Angola para determinar se um vocábulo pode ou não ser considerado neologismo. Portanto, consideramos uma criação lexical o termo que não esteja incluído neste dicionário, ou seja, um termo que ainda não foi dicionarizado.

Para a seleção dos neologismos, todos os vocábulos foram comparados com os já existentes no *corpus* de exclusão, um dos dicionários de referência em Angola.

“O DPLP é um dicionário de português contemporâneo com cerca de 133.000 entradas lexicais, incluindo locuções e fraseologias, cuja nomenclatura compreende o vocabulário geral e os termos mais comuns das principais áreas científicas e técnicas. O dicionário contém sinónimos e antónimos por aceção e permite ainda a conjugação verbal. É também possível consultar informação sobre a origem da maioria das palavras e indicações de pronúncia.” (cf. DPLP, 2008-2013)

O DPLP apresenta-se em duas versões: uma redigida na norma europeia do português, com e sem as alterações gráficas previstas pelo acordo ortográfico de 1990,

²⁴ *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/chave>. Acesso em 13 de março de 2019.

e outra redigida na norma brasileira do português, sem e com alterações previstas pelo novo acordo ortográfico.

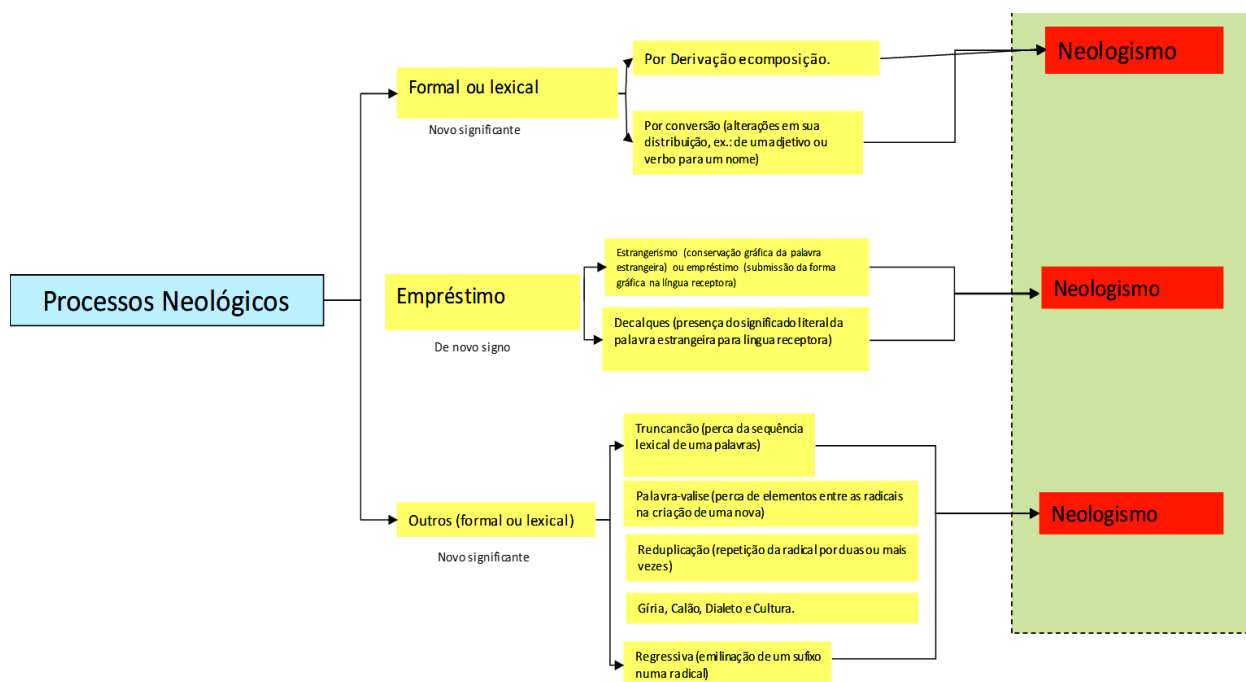
3.3.2 – Atribuição de categorias gramaticais aos neologismos

Depois da prova lexicográfica, os neologismos encontrados foram submetidos a uma análise gramatical, que pretendia atribuir categorias gramaticais. Para o efeito, a “Gramática do Português” (cf. Raposo *et al.*, 2013); a “Gramática da Língua Portuguesa” (Vilela, 1999); “Gramática do Português Contemporâneo” de (Cunha & Cintra, 2014); “Gramática da Língua Portuguesa” de (Mateus *et al.*, 2003); “Gramática da Língua portuguesa uma nova abordagem” (cf. Alvares Fernandes, 2005) e a *Gramática Prática de Português: da Comunicação à Expressão* do 2º ciclo do ensino básico (cf. Olga Azeredo *et al.*, 2015) estiveram na base para determinação das classes de palavras dos neologismos, conforme os conceitos definidos dentro da língua portuguesa.

3.3.3 – Classificação neológica

Finalmente, fez-se uma análise linguística com o intuito de perceber os fenómenos ocorridos durante o processo de formação das palavras recém-criadas neste período delimitado. A figura a seguir ilustra o esquema criado por nós de acordo com os princípios das autoras (Alves, 1994, 2004 e Cabré, 2006).

Figura 10: Algoritmo classificativo de neologismos



Fonte: criação do autor, (cf. Alves, 1994, 2004 e Cabré, 2006)

Do ponto de vista etimológico a palavra *neologia* vem do grego para o Latim através de: *neo*²⁵ = (novo) + *logos* = (palavra), dando origem a outras palavras como, *neologismo* = neologia + ismo.

O *Dicionário da Língua Portuguesa 2010* “novo acordo ortográfico” da Porto Editora define a neologia como: (...) processo de formação de novas unidades lexicais para designar novas realidades (Do gr. *néos*, «novo» + *logos*, «palavra» +-ico).

De acordo com Alves (1994, p. 5) os processos neológicos mais produtivos do português contemporâneo derivam de mecanismos provenientes da mesma língua ou sistemas linguístico e divide-os em neologismos fonológicos, sintáticos, semânticos, por conversão, por empréstimos e por outros processos – truncação, palavra-valise, reduplicação e derivação regressiva.

A nossa pesquisa foi orientada para os seguintes processos neológicos:

i) Neologismos sintáticos – abrangem a derivação e composição. Ieda Maria Alves afirma que:

O acréscimo de um sufixo pode alterar a classe gramatical da palavra base; a composição tem o carácter coordenativo e subordinativo; os integrantes da composição sintagmática e acronímica constituem elementos frásicos com o valor de uma unidade lexical. (Alves, 1994, p. 14).

De acordo com as autoras Olga Azeredo *at al.* (2015, pp. 158-161), na *Gramática da Língua Portuguesa: da Comunicação à Expressão*, o processo neológico formal ou lexical de formação de novas palavras assume duas perspectivas: a) Derivação, que consiste na criação de palavras a partir de uma palavra base ou radical (afixação, prefixação e sufixação) e; b) Composição, dois radicais ou um radical que formam uma palavra (composição, justaposição e aglutinação).

²⁵ De acordo com o *Dicionário da Língua Portuguesa 2010*, porto editora, neo- elemento de formação que exprime a ideia de novo (Do gr. *Néos*, «novo»).

ii) Neologismos por conversão – trata-se de vocábulos que sofrem alterações na sua distribuição sem que ocorram mudanças formais, sendo que os adjetivos e verbos empregados substantivamente são frequentes em língua portuguesa (cf Alves, 1994, p. 60).

iii) Neologismos por empréstimo – sendo palavras ou expressões de outras línguas utilizadas para nomear coisas, situações, processos ou comportamentos, a autora defende duas perspectivas: em primeiro lugar, os estrangeirismos – que corresponde à fase neológica da unidade estrangeira, ou seja, quando há presença da conservação gráfica da palavra, exemplo *mouse* - quer quanto aos empréstimos que se submetem à grafia da língua emprestada. A unidade já “não é percebida como estrangeira e passa a ser dicionarizada” (Alves, 2004, p. 117), como a palavra *futebol* oriunda do inglês *football*; em segundo lugar, os decalques – consiste na passagem do significado literal da palavra estrangeira para a língua recetora.

iv) Outros neologismos – de acordo com Alves (1994, pp. 68-71), fazem parte desse conjunto processos como: Truncção – quando uma parte da sequência lexical é eliminada; Palavra-valise – quando um ou dois radicais registam a perda de uma parte dos elementos na criação de uma nova unidade lexical; reduplicação – processo em que um radical é repetido por duas ou mais vezes; regressiva – quando se suprime um elemento de caráter sufixal.

Na visão de Cabré (2006, p. 229), os neologismos classificam-se em formais, sintáticos, semânticos, empréstimos e outros. A autora defende que os neologismos formais resultam dos processos de formação de palavras, nomeadamente: sufixação, prefixação ou a interferência entre a prefixação e sufixação, composição culta e lexicalização, conversão sintática, sintagmática, por siglas, acronímia, abreviação e variação. Por sua vez, os neologismos sintáticos refletem uma mudança gramatical como: género, número, regência verbal, etc. A modificação do significado de uma base léxica é o que caracteriza o neologismo semântico. Os neologismos de empréstimos subdividem-se em adaptados e não adaptados ortograficamente. Finalmente na categoria de “outros” são identificadas palavras simples, dialéticas, gírias e termos culturais.

Portanto, diante de todos os elementos apontados acima pelas autoras sobre os processos e de modo a responder a um dos nossos grandes objetivos nesta pesquisa que é verificar a presença e a frequência dos neologismos em jornais públicos e privados definimos os três critérios apontados acima (corpus de exclusão, classificação neológica dos neologismos e atribuição de categorias gramaticais aos neologismos) para a seleção de neologismo.

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

No presente capítulo, serão apresentados os resultados obtidos da análise automática de textos jornalísticos dos JA, JC, JE e o JM. A análise centrou-se na identificação de neologismos através dos processos neológicos proporcionando a sua classificação, seguido da constatação das interseções de jornais em possíveis neologismos. Depois, far-se-á a atribuição de categorias gramaticais em novos termos encontrados, no prosseguimento da análise, a verificação de neologismos mais e menos frequentes e, finalmente, o contexto jornalístico e linguístico dos neologismos verificados.

4.1 – Apresentação de dados

Das 168 edições verificadas nos quatro *corpora*, em 57 textos jornalísticos foram constatados neologismos, conforme ilustra a tabela número 2.

Tabela 2: Números de textos constando neologismos

Número de textos constatado neologismos das edições verificadas						
JORNAIS	2017/2018					
	Edições verificadas		Textos Constatados		Neologismos Encontrados	
	Quantidade	Porcentagem (%)	Quantidade	Porcentagem (%)	Quantidade	Porcentagem (%)
Jornal de Angola	97	57,7	20	34,5	20	48,1
Jornal Cultura	14	8,3	6	10,3	6	11,1
Jornal Expansão	50	29,8	27	46,6	11	20,4
Jornal Metropolitano	7	4,2	5	8,6	11	20,4
Total	168	100	58	100	54	100

Fonte: criação do autor

Após realização de uma série de testes, foi possível verificar 54 neologismos nos quatro jornais em questão. A tabela número 2 mostra claramente a maior quantidade de termos no JA e a menor no JC.

Das 168 edições processadas pelo programa, pudemos extrair 54 termos considerados neológicos, cuja frequência correspondia de 1 até 19 ocorrências por cada termo, de acordo com os critérios de seleção mencionados no capítulo anterior.

Para fazermos esse levantamento, utilizámos o programa Excel para processamento de texto, planilhas eletrônicas, gerenciamento de banco de dados, gráficos, etc. O processamento de termos foi feito para cada um dos *subcorpora*.

Após saneamento de dados, verificamos vinte e sete neologismos no JA, onze no JE, igual número para o JM e seis novas palavras para o JC, conforme ilustra a tabela número 2. O Gráfico a seguir ilustra a margem percentual dos neologismos por jornal.

Gráfico 2: Dados percentuais de neologismos por jornal



Fonte: criação do autor

4.2– Análise de dados

Para a análise de dados, primeiramente, começámos pelos resultados quantitativos globais verificados nos distintos *subcorpora*, isto é, nos JA, JC, JE e JM em função dos contextos à direita e à esquerda (cf. Apêndices n^{os} 1, 2, 3 e 4); de seguida procedemos a uma análise detalhada de cada *subcorpus*, classificando neologicamente

os termos encontrados, descrevendo os seguintes elementos: processos neológicos e a frequência do neologismo (cf. Apêndice nº 5); a seguir, identificação de interseções entre os neologismos em jornais constituintes do *corpus*; depois, a atribuição de categorias gramaticais às palavras recém-criadas, tendo como base os seguintes elementos: os dados da notícia, análise gramatical e o significado literal ou conotativo (cf. Apêndice nº 6); finalmente, uma estatística das palavras mais e menos frequentes em jornais públicos e privados de Angola nos segundos semestres dos anos de 2017 e de 2018.

4.2.1 – Classificação neológica

Para a classificação dos neologismos, baseamo-nos nos processos neológicos de formação de palavras segundo Alves (1994, 2004) e Cabré (2006). Os dados estatísticos dos neologismos encontrados foram divididos em dois grupos e nove subgrupos:

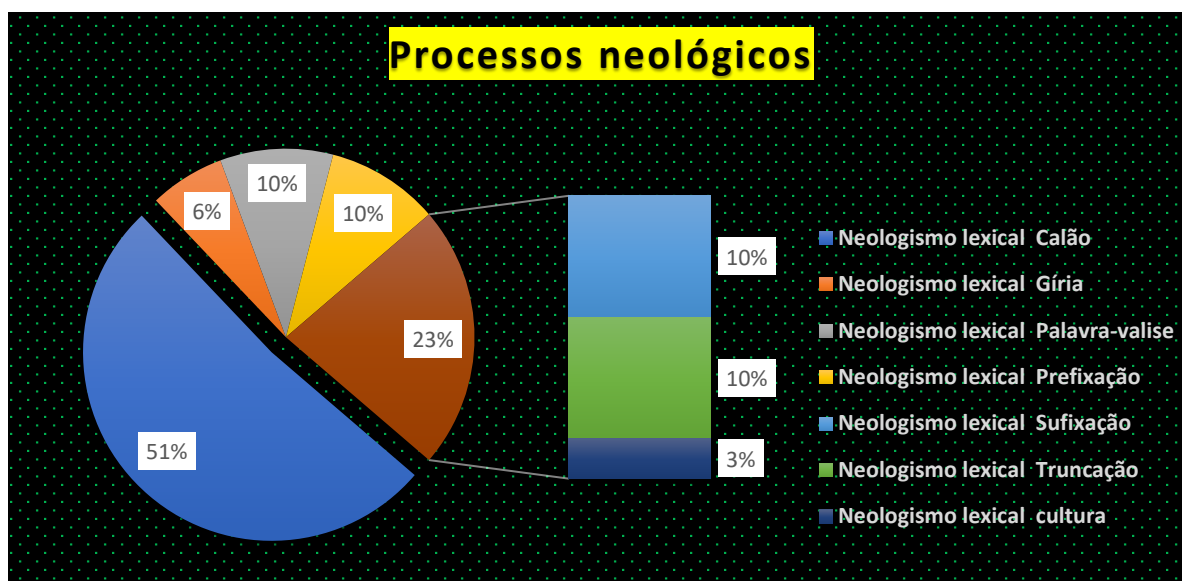
Grupo I – neologismos lexicais, com um total de 30 termos reconhecidos através dos seguintes processos neológicos: calão, gíria, palavra-valise, prefixação, sufixação, truncação e cultura).

Grupo II – neologismos por empréstimo, com 19 termos derivados de processos neológicos por estrangeirismos e empréstimos.

4.2.1.1 – Neologismos lexicais

O calão representa a maior percentagem dos sete processos encontrados neste grupo e a cultura a menor, conforme o gráfico número 3.

Gráfico 3: Neologismos lexicais, percentagem de processos neológicos.



Fonte: criação do autor

Calão, gíria e cultura.

Optamos por agrupar os processos neológicos calão, gíria e cultura, como forma de facilitar a análise, considerando ainda que pertencem à variação diastrática.

Oliveira e Isquierdo (2001, pp. 38-40) ao abordarem a neologia, apontam a variação diastrática como um elemento que permite a formação de vocábulos pertencentes à norma de uma classe social, de um estado social, de um estrato social, ou neologismo que aí completou o percurso da desneolização, poder ser retomado, noutra classe social, estrato social, assumindo, nos segundos, função neológica, isto é, sendo percebido e utilizado como neologismos, com todo o impacto semântico e social da novidade lexical.

Quadro 1: Termos derivados através de processos neológicos por calão, gíria e cultura

<i>Neologismos</i>	Processo neológico
Avilo, avilos, bala, cubico, bala, bocuasse, bufunfa,	Calão

**canucos, kilapi, kubico,
kumbu, mboa, micheiras,
nganzar, papoite, trumunos e
vijos.**

São palavras emergentes da classe social baixa angolana que hoje são usadas nas classes sociais média e alta.

Tchuna baby e xuxuados

Gíria

São palavras emergentes da moda angolana

Tchunas babys – são roupas que tendem a mostrar as partes íntimas do corpo, exemplo:

calções, portanto, há casos em que os utilizadores preferem cortar as calças transformando-as em artigos dessa moda.

Xuxuados – outra moda angolana que consiste em usar roupas muito justas, no sentido de marcar o corpo todo, principalmente nos órgãos genitais, assim, considera-se “estar xuxuado”.

Samakaka

Cultura

É uma palavra atribuída a um modelo de tecido de pano em Angola, em memória de Soba

Samakaka Samba Yo Londungo, antigo conselheiro do comandante militar Mutu-ya-Kevela do reino do Bailundo.

Quadro 2: Termos derivados através de processos neológicos por palavra-valise

Neologismos	Processo neológico
<p>Boenses, plural de Boense</p>	<p>Fusão de Bairro + Operário, que significa moradores do bairro operário, nome atribuído aos moradores desse distrito em Luanda-Angola.</p>
<p>Mwangelês, plural de Mwangolé</p>	<p>Fusão de Mwana + Angola, que significa, filho de Angola, nome atribuído aos angolanos.</p>

Quadro 3: Termos derivados através de processos neológicos por prefixação

Neologismos	Processo neológico
<p>Kaluandas, plural de kaluanda</p>	<p>Junção de Ka + Luanda, nome atribuído aos naturais da província de Luanda-Angola.</p>
<p>Kandengues, plural de kandengue</p>	<p>junção de Ka + ndengue, nome atribuído a pessoa mais nova que outra. Ndengue, significa menino, jovem, adolescente ou pessoa mais nova que a outra e o Ka é o equivalente ao diminutivo <i>-inho</i>, OBS: O Ka é empregue de forma estética ou enfática, porque o próprio radical já é um diminutivo, conforme mencionamos acima (Lapa, 1979, pp. 100-104)</p>

Nota: **Kandengue** - nome comum derivado do sistema nacional kimbundu; é usado nos dois géneros, diferenciado pelo determinante.

Quadro 4: Termos derivados através de processos neológicos por sufixação

Neologismos	Processo neológico
Bancura	Junção de Banco + cura, agência bancária. O sufixo da palavra não tem significado, pois, é uma questão de estética ou de ênfase (cf. Lapa, 1979, p. 105).
Buéreré (advérbio)	Junção de <i>Bué</i> + <i>reré</i> , derivada de <i>bué</i> que significa muito e <i>reré -íssimo</i> , grau superlativo absoluto sintético.
Cabrité	Junção de Cabrito + é. Sufixo indica o prato típico já confeccionado. Nota: Gastronomia, prato típico da República Democrática do Congo (RDC) que atualmente é confeccionado em Angola, principalmente na região norte e leste do país.

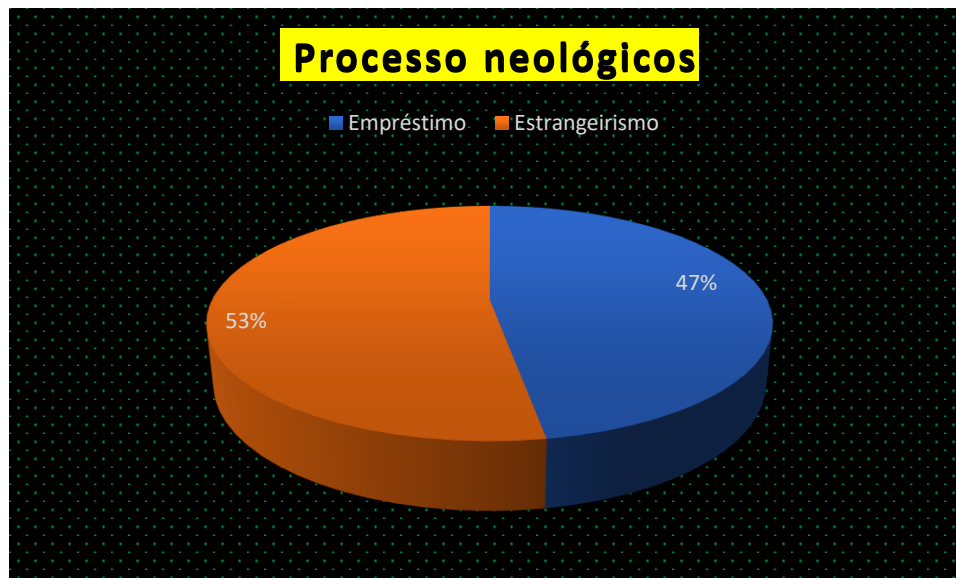
Quadro 5: Termos derivados através de processos neológicos por truncação

Neologismos	Processo neológico
Bajús, plural de bajú	Forma reduzida de Bajulação, pois, mantém o mesmo significado.
Revús, plural de revú	Forma reduzida de revolucionário. Em Angola, este adjetivo qualifica a pessoa rebelde, revoltoso contra os princípios do governo.

Fonte: criação do autor

4.2.1.2 - Neologismos por empréstimo

Gráfico 4: Neologismos por empréstimo, percentagem de processos neológicos



Fonte: criação do autor

Com a grafia conservada, os estrangeirismos têm maior presença na nossa pesquisa, com uma diferença de 3% em relação ao empréstimo. A seguir, as tabelas que ilustram os fenômenos ocorridos na formação de novas palavras.

Quadro 6: Termos derivados através de processos neológicos por empréstimo

Neologismos	Processo neológico
Bísne	Palavra oriunda do sistema linguístico inglês, de business, adaptando-se à grafia da língua portuguesa.
Banzelo	Palavra proveniente do kimbundu, do verbo "kubanza", que significa "pensar". Por extensão semântica adquiriu um sentido diferente que significa: "relaxar", "divertimento".
Diquelengo	Palavra derivada do sistema linguístico kimbundu, de "dikelengu", que significa "conversa argumentativa". Entretanto, o termo adaptou-se à grafia portuguesa com a substituição dos grafemas k pelo qu e u pelo o , sofrendo um aportuguesamento.
Kotas, plural de kota	Palavra derivada do sistema linguístico kimbundu, de "dikota", singular de "Makota" que significa pessoa(s) adulta(s), superior(es) a outra(s) ou ainda idosa(s), porém, o termo adaptou-se à grafia portuguesa por causa da redução dos prefixos di e Ma .

Kupapatas, plural de kupapata

Palavra proveniente do umbundu derivada do verbo "okupapata" (apalpar, apertar, etc...), que, por extensão semântica, significa em português o "moto-táxi" (motorizadas vocacionadas para o serviço de táxi).

Zungueiras, plural de zungueira

Palavra que surge do verbo "kuzunga", língua nacional kimbundu, que significa "andar muito e sem destino". A palavra foi adaptada à grafia da língua portuguesa.

Quadro 7: Termos derivados através de processos neológicos por estrangeirismo

Neologismos	Processo neológico
Bwalas, plural de bwala	<p>Termo correspondente, em português, a aldeia (localidade pequena e de categoria inferior à de vila), proveniente do Fiote (dialeto de Cabinda).</p> <p>Nota: é uma palavra pejorativa, para indicar as condições precárias de habitabilidade.</p>
Day after	<p>Palavra oriunda do sistema linguístico inglês, correspondente em português a "dia seguinte", termo muito usado pelos falantes de Angola.</p>
Kamba	<p>Palavra oriunda do sistema linguístico kimbundu, língua nacional de Angola que significa uma pessoa amiga.</p>

Kijila

Palavra oriunda do sistema linguístico kimbundu usada para designar uma série de restrições a que o indivíduo está sujeito devido aos hábitos e costumes da sua região.

Maka

Palavra oriunda do sistema linguístico kimbundu que significa “problema”.

Makayabo

Palavra oriunda do sistema linguístico “dingala” (dialeto) da RDC, prato típico daquela comunidade, no caso: peixe salgado. Por influência migratória dos falantes também é confeccionado em Angola, principalmente na região norte do país.

Mfúmbua

Igualmente, um termo que entra através do processo de empréstimo do sistema linguístico “dingala”, comida típica, nesse caso: ervas, da RDC, que também é consumida, principalmente, na região mais a norte de Angola (Cabinda, Zaire, Uíge).

Nvunda

Termo derivado do sistema linguístico kimbundu, que significa “confusão”

Stand by

Palavra oriunda do sistema linguístico inglês, que significa “pendente”.

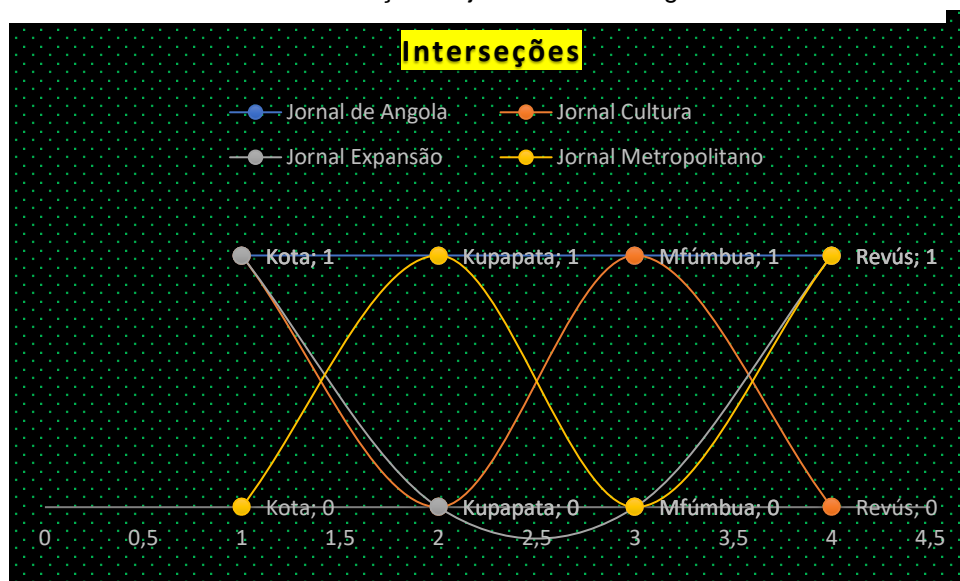
Fonte: criação do autor

Depois da frequência verificada a nível dos *corpora* em estudo, constatamos quatro interseções de palavras em distintos jornais.

4.2.2 – Interseções de neologismos

Ao longo do estudo constatamos quatro interseções das 50 novas palavras nos jornais em questão. De modo a ilustrar as interseções identificadas, os dados foram submetidos a uma representação gráfica.

Gráfico 5: Interseção de jornais em neologismos



Fonte: criação do autor

Os dados representados graficamente estão interpretados da seguinte forma: a) primeiro - as quatro linhas representam o mesmo número de jornais em análise, sendo que a linha azul identifica o JA, a linha cor de laranja simboliza o JC, a linha cinzenta o JE e, por último, a linha amarela, o JM; b) segundo – nós abaixo do gráfico com o número (0) significa não haver interseção; c) terceiro – os nós acima do gráfico com o número (1) significa haver interseção entre os jornais, ou seja, os pontos interseccionados com as palavras, encontramos os mesmos neologismos nesses jornais.

Interpretação do gráfico

Realizou-se ainda a análise individualizada de cada um dos (4) neologismos seleccionados em interseções neológicas. A partir dos resultados, nota-se que:

1. A palavra **Kota** forma um nó através dos links [JC (com 6 frequências), JA (com 4 frequências) e JE (com apenas 1 frequência)].

2. A palavra **Kupapata** forma um nó por intermédio dos links [JA (com 5 frequências e JM (com duas frequências)].

3. A palavra **Mfúmbua** forma um nó através dos links (JA e JC, ambos com 1 frequência).

4. A palavra **Revús** forma um nó por intermédio dos links [JM (com 2 frequências) e os JA e JE, ambos com 1 frequência].

Em suma, através das demonstrações feitas no gráfico acima foi possível notar a interseção dos distintos órgãos da imprensa escrita angolana no que tange ao reconhecimento de novas palavras em uso no quotidiano angolano.

4.2.3 - Categorias gramaticais dos neologismos

A atribuição de categorias é o quinto objetivo do nosso trabalho, portanto, o gráfico a seguir ilustra os dados estatísticos de neologismos por classe de palavras e os seus respetivos *corpora* de origem. As classes de palavras estão representadas por ordem alfabética.

No universo de 50 neologismos verificados, selecionamos uma amostra de seis termos para descrever a atribuição das suas categorias gramaticais.

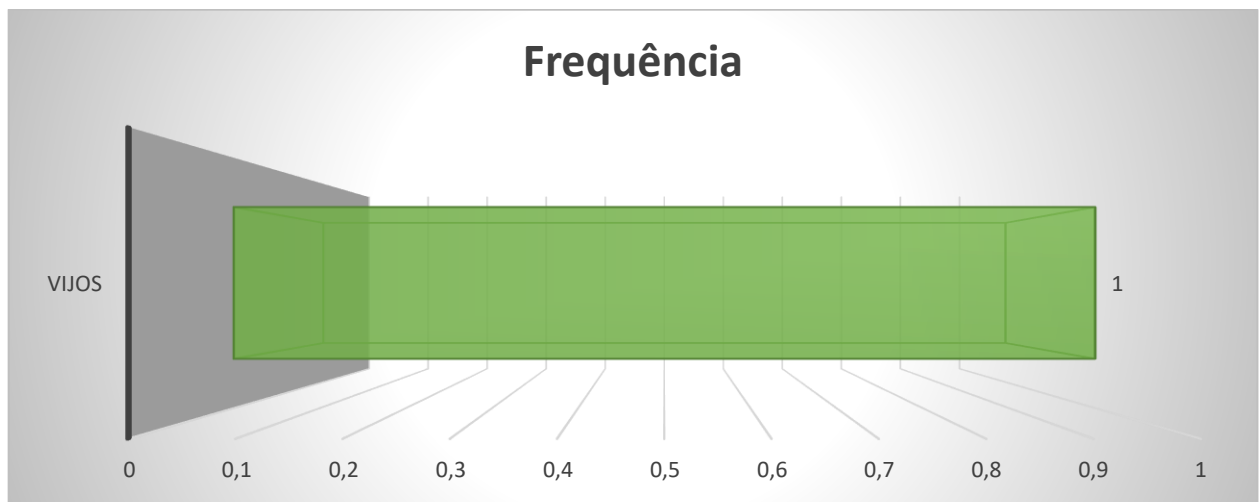
Para Mário Vilela (1999, pp. 56-57):

os critérios usados normalmente para classificar as categorias gramaticais são de natureza semântica, morfológica e sintática. Os critérios semânticos partem de um valor semântico básico e daí derivam as classificações e subclassificações. Os critérios morfológicos jogam com conceitos como “palavras variáveis” (substantivos, adjetivos, artigos, pronomes e verbos) e “invariáveis” (preposições, conjunções, advérbios), “Conjugáveis” (Verbos) e graduáveis (adjetivos). Os critérios sintáticos tomam em consideração a função sintática própria de cada categoria, a respetiva distribuição e posição na frase, a regência, etc.

Adjetivos

De acordo com a *Gramática do Português* (Raposo *et al.*, 2013, pp. 326-330) e a *Gramática Prática da Língua Portuguesa - da Comunicação à Expressão* (cf. Azeredo *et al.*, 2015, p. 123), o adjetivo pertence à subclasse de palavras variáveis que qualificam os substantivos ou nomes atribuindo uma certa propriedade ou característica: indicam a ordem em que o nome que acompanham surge numa série. Portanto, a seguir faremos a descrição de dois neologismos da categoria dos adjetivos.

Gráfico 6: Adjetivos



Fonte: criação do autor

1. Vijos

Na edição 437, página 17 do jornal Expansão do dia 01 de setembro de 2017 com o título: “A cultura é fundamental para a diversificação da economia”, encontramos o neologismo em causa.

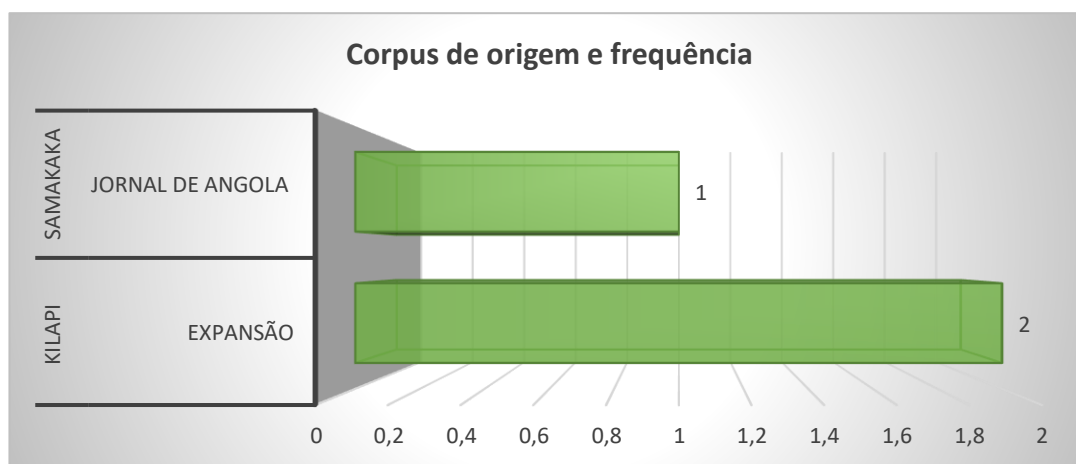
- Contexto à esquerda e à direita: “caso contrário seria complicado, temos de ser **vijos** (atentos), disse. O músico, que nos tempos livres gosta de ler, ...”
- Análise gramatical: [**Vijo** – adjetivo]²⁶.
- Significado literal: estar atento (visão)

²⁶ cf. Raposo *et al.*, 2013, pp. 326-330.

Nomes ou substantivos

De acordo com as gramáticas consultadas, os substantivos ou nomes têm o papel fundamental de designar pessoas, objetos, sentimentos ou até mesmo grupos. Portanto, elas fazem parte das palavras variáveis, e podem ser: masculinos, femininos e coletivos (cf. Fernandes, 2005, pp. 112-113 e Azeredo *et al.*, 2015, pp. 89-91).

Gráfico 7: Nomes ou substantivos



Fonte: criação própria

1. Kilapi

Na notícia com o título: “Participação no apuramento ao CAN está em risco por falta de verba”, do dia 24 de agosto de 2019, da edição 487 do JE constatou-se a presença do neologismo **Kilapi** na página 18.

- Contexto à esquerda e à direita: “O presidente da Federação Angolana de Futebol diz que recebeu uma ‘herança’ de 10 milhões USD de **Kilapi**. Artur de Almeida promete uma revolução no futebol nacional, (...)”
- Análise gramatical: [**Kilapi** – nome comum masculino]. “Do ponto de vista funcional, o substantivo é a palavra que serve privativamente, de núcleo do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto e do agente da passiva” (Cunha & Cintra, 2014, p. 233).
- Significado literal: Dívida (calão angolano).

2. Samakaka

Na página 29 da edição 15398 do JÁ, registou-se a presença do neologismo **Samakaka**, numa notícia cujo o título é: “Artesãos expõem obras em feira na Ilha do Cabo”, datado de 26 de setembro de 2018.

- Contexto à esquerda e à direita: “(...) ... exposição de trajes africanos, confeccionados com panos do congo **Samakaka**, com destaque para bolsas, saias, lenços, bem como bijutarias, missangas, pulseiras e sandálias feitas de cabedal.”

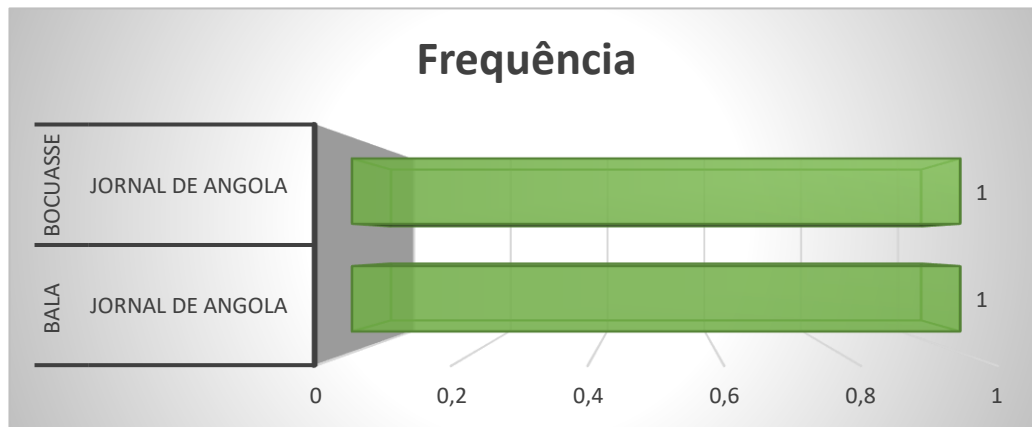
- Análise gramatical: [**Samakaka** – nome comum feminino]. “Alguns substantivos apresentam uma só forma para os dois géneros, mas distinguem o masculino do feminino pelo género do artigo ou de outro determinativo acompanhante” (Cunha & Cintra, 2014, p. 258).

- Significado conotativo literal: **Samakaka** é uma palavra atribuída a um modelo de tecido de pano, em memória de Soba Samakaka Samba Yo Londungo, antigo conselheiro do comandante militar Mutu-ya-Kevela do reino do Bailundo²⁷.

Verbos

Os verbos pertencem a uma classe aberta de palavras e subclasse de invariáveis. Eles podem ser flexionados em pessoa, número, modo, tempo e voz com uma classificação quanto à conjugação (terminados em *ar*, *er* e *ir*), semântica (transitivos, intransitivos e verbos de ligação) e à morfologia (regulares e irregulares) (cf. Fernandes, 2005, pp. 112-113 e Azeredo *et al.*, 2015, pp. 89-91).

Gráfico 8: Verbos



²⁷ Etnia do soba Samakaka, disponível em: <http://tudosobreangola.blogspot.com/2012/02/samacaca-presno-o-huambo-em-1905.html>. Acesso em 14 de agosto de 2019.

1. Bala

Com título “Conversas de Bairro: Amizade, segredos e makas”, a notícia da edição 15388 do jornal de Angola registou, no dia 16 de setembro de 2018 o neologismo **bala** na página 22.

- Contexto à esquerda e à direita: “Candengues eu sou um nganvive (mais velho) que **bala** (luta) pelo sossego e se quiserem saber a verdade vão ter com (...)”

- Análise gramatical: [**Bala** – do verbo “balar” conjugado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, calão angolano]. A oração em causa (contexto a esquerda e a direita) é introduzida pela conjunção subordinativa completiva “que” selecionada por um constituinte do verbo “Balar” da frase que integra. “... as completivas com Tempo Dependente são temporalmente dependentes da frase superior, contrariamente às que exibem Tempo Independente...” (Mateus *et al.*, 2003, p. 640).

- Significado: luta (conjugado na 3ª pessoa do verbo lutar).

2. Bocuasse

Título: “Conversas de Bairro: Amizade, segredos e **makas**”, Ed. Nº 15388, página 22, data: 16/09/2018

- Contexto à esquerda e à direita: “Aguardou que o Perigoso **Bocuasse** para abrir o jogo.”

- Análise gramatical: [**Bocuasse**: do verbo “bocuar” conjugado na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do conjuntivo, calão angolano]. A frase acima (contexto a esquerda e a direita) enquadra-se dentro do modo conjuntivo subordinado relativamente as orações adjetivas com o objetivo de alcançar um fim (Cunha & Cintra, 2014, pp. 586-588).

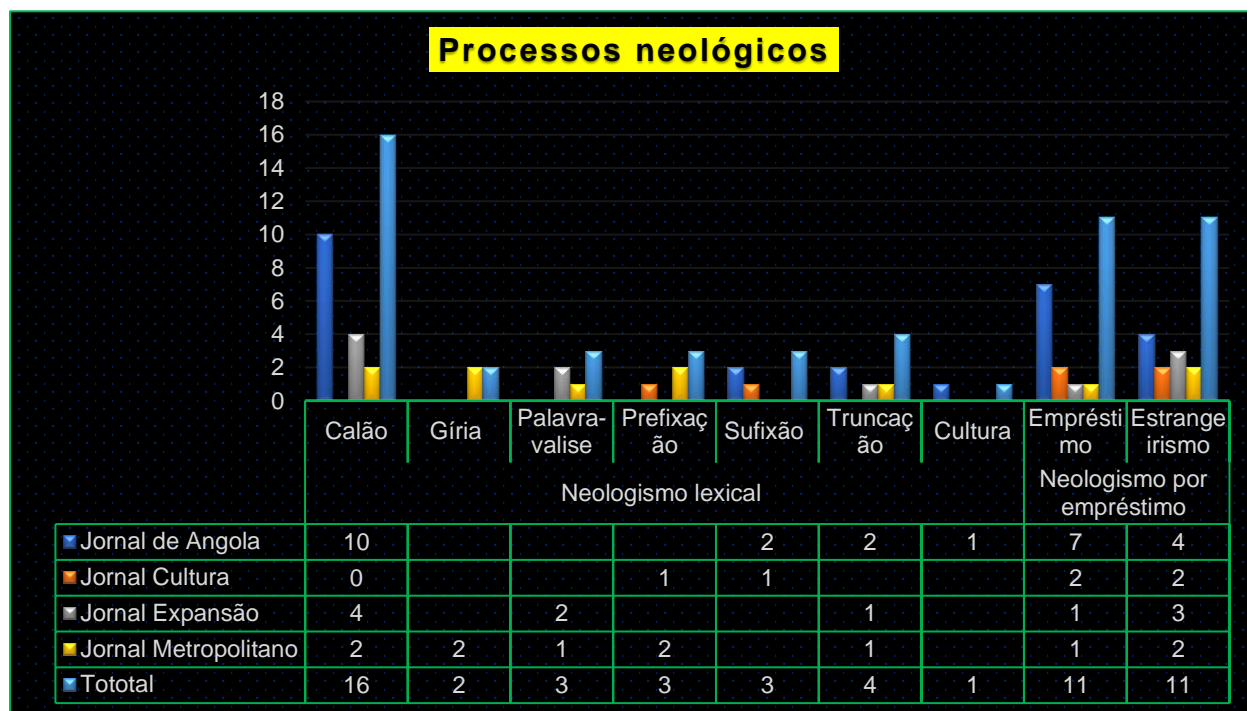
- **Significado literal**: entrasse (conjugado na 3ª pessoa do verbo entrar), calão angolano verbo “bocuar”.

No apêndice 5 encontrar-se-ão os restantes termos com as suas respetivas categorias gramaticais.

4.3 – Frequência dos Neologismos

Depois das análises feitas e de modo a cumprir com o nosso objetivo geral, estabelecemos a verificação de neologismos mais e menos frequentes em duas perspectivas: neológicas e gramaticais.

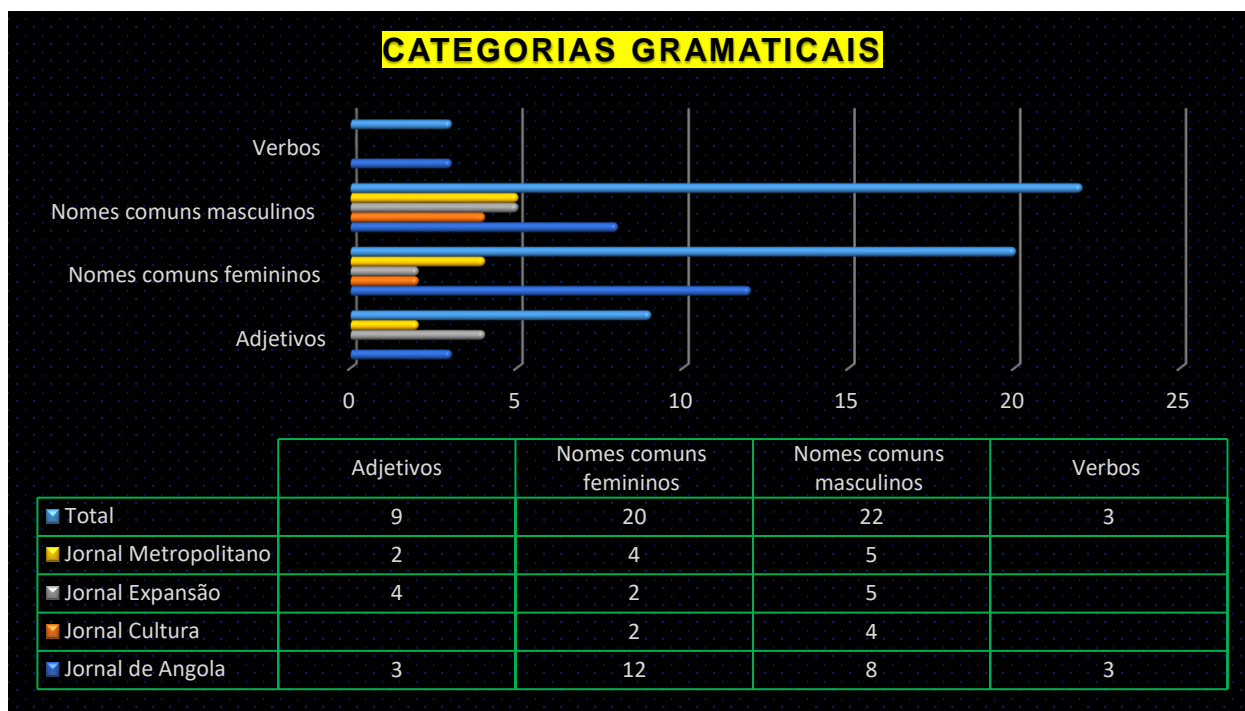
Gráfico 9: Dados estatísticos de processos neológicos



Fonte: criação do autor

Conforme a ilustração do gráfico, verifica-se claramente a maior frequência de processos neológicos por calão, com um total de 16 termos, correspondentes 29,6%; a seguir 11 termos por empréstimo e 11 termos por estrangeirismo, correspondente a 20,37%; 4 termos por truncação com um percentagem de 7,4%; três termos por prefixação, sufixação e palavra-valise correspondente a 5,5 %; dois termos por gíria 3,7%; e, finalmente, a frequência mínima com um termo, correspondente a 1,8% do processo neológico por cultura.

Gráfico 10: Dados estatísticos de categorias gramaticais de neologismos por jornal



Fonte: criação do autor

A soma de todos os termos representados graficamente é de 54, porém, há interseção de um neologismo na classe dos adjetivos entre o JA e o JE e três interseções na classe dos nomes comuns femininos entre os JA e JC; JA e JM interseção de um neologismo. Portanto, o resultado da diferença entre a soma dos 54 neologismos e das quatro interseções corresponde aos 50 termos verificados.

Dos cinquenta neologismos verificados, trinta e nove nomes comuns lideram a frequência máxima, com uma percentagem de 78%, seguidos dos adjetivos com oito termos correspondentes a 16%, e três termos dos verbos, com 6%.

Ao analisarmos o *corpus* na vertente estatística, verificamos a maior frequência de neologismos: em termos de processos neológicos, por calão com 16 termos correspondente a 29,6% e 70% dos nomes comuns, com 35 termos, por categoria gramatical; finalmente, com a menor frequência: em termos de processos neológicos,

por cultura com um termo equivalente a 1,8% e 4% dos verbos com três termos, relativamente à categoria gramatical.

Não obstante a nossa pesquisa estar norteada para a língua corrente, diferente da língua de especialidade, ou seja, da terminologia, observamos a existências dos dois tipos de subsistemas nos textos jornalísticos. Portanto, no universo das línguas de especialidade e suas terminologias existem três níveis de especialização: “altamente especializado, de banalização e vários níveis de vulgarização (Lino, 2011)”

Os empréstimos ou estrangeirismos das línguas de origem bantu, constituem uma novidade dentro da Língua Portuguesa, por estarem implícitos fatores sociolinguísticos e socioculturais, como o caso de **Mfúmbua**²⁸ (ervas, comida típica da região mais ao norte de Angola), Gastronomia; **Bwala**²⁹ (Topónimo – aldeia, é um nome pejorativo para indicar as condições precárias) Geografia; **tchuna baby** e **xuxuado**³⁰ (calções curtos e roupas literalmente justas) Moda.

Por outro lado, ao nível da língua corrente verifica-se em grande medida a banalização e divulgação de termos derivados do calão e da gíria como é o caso de: **papoite**³¹, **Micheiras**³², **Kumbu**³³, **Bufunfa**³⁴.

4.4 – Contexto jornalístico e linguístico de neologismos verificados

Com as pesquisas realizadas, de modo geral, nota-se que os jornais em Angola têm contribuído bastante para a divulgação de palavras tipicamente angolanas, ou seja, para a especificidade linguística da comunidade angolana.

Focando-se naquilo que é a relevância dos processos neológicos, apresentamos quatro aspetos sintetizados, de acordo com Maria Teresa Cabré:

1. O estudo sobre o nível de certificação das formações espontâneas.

²⁸ Jornal Cultura, ed. Nº 150, p. 9, ano: 2017/2018.

²⁹ Jornal de Angola, ed. Nº 15325, p. 17, ano: 2018.

³⁰ Jornal Metropolitano de Angola, ed. Nº 31, p. 10, ano: 2018.

³¹ Jornal de Angola, ed. Nº 15374, p. 22, ano: 2018

³² Jornal Metropolitano de Luanda, ed. Nº 33, p. 15, ano: 2018.

³³ Jornal Expansão, ed nº 443, p. 40, ano: 2017.

³⁴ Jornal de Angola, ed. Nº 15339, p. 22, ano: 2018.

2. A forma como os falantes encaram o modelo de língua de forma explícita e implícita,
3. Medidas para evitar o desaparecimento de novas palavras numa determinada língua por falta de atualizações ou por colonização gramatical e lexical,
4. Apresentação de propostas de critérios linguísticos de denominação dos novos conceitos mais usados pelos falantes de uma determinada língua.

Para a autora, os aspetos acima apontados desempenham um papel importantíssimo na determinação do estado e evolução de uma determinada língua. Portanto, esses elementos representam de igual modo a importância da constante verificação de processos neológicos com base na interação dos falantes de uma determinada comunidade que usam a mesma língua e que tenham a mesma origem, considerando o estudo sincrónico/diacrónico. Porém, é necessário que haja estudos que sirvam para a fundamentação de aceitação ou rejeição desta ou aquela novidade lexical.

CONCLUSÃO

Cumprindo com os objetivos traçados, o nosso trabalho centrou-se na verificação de neologismos através de um *corpus* constituído por: jornais públicos (JA e JC) e jornais privados (JE e JM). Para a análise de dados, recolhemos um universo de 168 ficheiros (cada ficheiro corresponde a uma edição de jornal) com uma percentagem de 66% para os jornais públicos, correspondente a 111 ficheiros e 34% para os jornais privados com um total de 57 ficheiros.

Depois da verificação de palavras, chegámos aos resultados quantitativos totais de cinquenta neologismos: 31 neologismos lexicais e 19 neologismos por empréstimo, seguidos de uma análise detalhada do *corpus* resultante. Na classificação neológica, identificámos neologismos lexicais (calão, gíria, palavra-valise, prefixação, sufixação, truncação e cultura) e neologismos por empréstimos (empréstimo e estrangeirismos). Na atribuição de categorias gramaticais destacámos adjetivos, nomes masculinos e femininos e verbos, em função dos seus contextos.

Nota-se a maior predominância na formação de novas palavras através de processos neológicos por **calão**, com dezasseis termos, correspondente a 51% e a menor, de 3%, com um termo por **cultura**. Porém, na classificação de classe de palavras, os **nomes comuns** foram os mais registados com um total de 38 termos equivalente a 78% e o que se registou em menor número foram os **verbos**, com apenas 3 termos correspondente 6%.

No final, verificámos a frequência de 1 até 19 ocorrências nos variados neologismos constatados, conforme os apêndices.

Os neologismos verificados nesta pesquisa confirmam-nos o carácter não estático do léxico. O acervo lexical expande-se, quer para atender às novas necessidades relacionadas com a nomeação, quer para atender a fins estéticos. Desta forma, a imprensa escrita angolana, devido ao uso de neologismos e devido ao alcance que consegue, é a grande promotora. Ao veicular diversos neologismos, esta imprensa torna visível o fato de o léxico ser aberto no português de Angola.

Com efeito, os textos jornalísticos da imprensa escrita angolana são marcados pelo uso da criação neológica por razões estilísticas, gerando novos itens lexicais que retratam, que testemunham, que fazem a crónica do cenário sociolinguístico angolano.

Em suma, através das verificações e análises feitas neste trabalho, foi possível notar que os órgãos de comunicação social em Angola têm contribuído de uma forma muito significativa no que tange a divulgação dos neologismos no português de Angola.

Do mesmo modo, as interseções de neologismos nos distintos jornais são um reflexo de que os jornais estão a par daquilo que é a realidade angolana, ao nível da produção de novas palavras.

BIBLIOGRAFIA

- Alves, I. M. (1994). *Neologismo. Criação lexical*. São Paulo: Ática.
- Alves, I. M. (2004). *Neologismo-criação lexical* (2ª ed.). São Paulo: Ática.
- Alves, I. M. (2006). A observação sistemática da neologia lexical: subsídios para o estudo do léxico . *Revista Alfa* , 50(2), pp. 131-144.
- Alves, I. M. (2010). Neologia e Neologismos em Diferentes Perspectivas. (*org.*). São Paulo: Paulistana.
- Azeredo, M. O., Pinto, M. I., & Lopes, M. C. (2015). *Gramática prática: da comunicação à expressão: 2º ciclo do ensino básico* . Lisboa : Raiz Editora .
- Bakhtin, M. (1997). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Fontes.
- Bechara, E. (2006). *Moderna gramática portuguesa* (37 ed.). Rio de Janeiro: Lucerna.
- Beltrão, L. (1980). *Jornalismo opinativo*. Porto Alegre: Sulina/Ari.
- Cabré , M. T. (1993). *La terminología. Teoria, metodología aplicaciones*. Barcelona: Antártida/empúries .
- Cabré, Maria Teresa. (2006). La clasificación de neologismos: una tarea compleja. *50(2)*, pp. 229-250.
- Cambuta, J. (2014). *Formação de Verbos no Português de Angola*. Dissertação (Dissertação em Ciências da Linguagem), Lisboa .
- Cardet , R. (1980). *Manual de jornalismo* (6ª ed.). (A. P. Silva, Trad.) Lisboa: Caminho.
- Crato, N. (1986). *Comunicação Social - A Imprensa* (21ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Cunha, C., & Cintra, L. C. (2014). *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa.
- Dias, C. A. (18 de fevereiro de 2000). Terminologia: Conceitos e Aplicações. pp. 90-92.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. (2008-2013). Obtido de <http://www.priberam.pt/dlpo/chave>
- Erbolato, M. L. (1985). *Técnicas de codificação em jornalismo* (4ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- ESTATÍSTICA, I. N. (2016). *Resultados Definitivos do Recenseamento Geral da População e da Habitação de Angola 2014*. Censo, Angola.
- Fernandes , Á. G. (2005). *Gramática da língua portuguesa: uma nova abordagem* . Lisboa : Edições Caixotim.

- Ferraz, A. P. (2006). A inovação lexical e a dimensão social da língua. *O léxico em estudo*, 207-234. Belo Horizonte: UFMG, Brasil.
- Ferreira, M. (1999). Palavras de origem indiana no léxico da língua portuguesa - processos de reiteração, reconfiguração e dispersão semântica. *Estudos Linguísticos. Anais de seminários do GEL*. São Paulo : Gel/USP.
- Gaillard, P. (1971). *Technique du journalisme* (1078/1909 ed.). (L. Carvalho, Trad.) Lisboa: Europa-América.
- Henriques , C. C. (2018). *Léxico e Semântica*. Rio de Janeiro: Alta Books.
- Lage, N. (2005). *Teoria e técnica do texto jornalístico* . Rio de janeiro: Campus .
- Lapa, M. R. (1979). *Estilística da língua portuguesa* (10ª ed.). Coimbra: Coimbra Editora.
- Levacov, M., Milman, L., Gerbase, C., Endler, S., Cauduro, F. V., Ferraretto, L. A., . . . Vieira, T. S. (1998). *Tendências na comunicação*. Porto Alegre : L&PM.
- Lino, T., & Contente, M. (2011). Neologia Terminológica: Evolução Conceptual e Semântica. Em M. H. Mateus, & V. Alina (Ed.), *Actas do SIMELP III – Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa III, Simpósio 7, Neologismos – Neologia e o Ensino da Língua Portugues*. Editorial Caminho.
- Lopo, J. C. (1952). Para a história do jornalismo de Angola. p. 30. Obtido de <http://teoriadojornalismo.ufp.edu.pt/inventarios/lopo-j-1952?tmpl=%2Fsystem%2Fapp%2Ftemplates%2Fprint%2F&showPrintDialog=1>
- Lourenço, J. P. (2003). *A imprensa e a problemática da liberdade de imprensa em Angola: 1866-1923*. Tese de Monografia - UAN, Luanda-Angola.
- Mateus , I. (2001). Contributos para uma discussão sobre a comunicação social angolana: introdução. Luanda, Luanda, Angola. Obtido de <http://www1.ci.uc.pt/iej/alunos/2001/angola/introducao.html> .
- Mateus, M. H., Brito, A. M., Duarte, I., & Faria, I. H. (2003). *Gramática da língua portuguesa* (6ª ed.). Lisboa: Caminho.
- Melo , J. M. (1994). *A opinião no jornalismo brasileiro* (2ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Melo, J. M., & Assis, F. (1998). *Géneros e formatos na comunicação periodística: um estudo do jornal Folha de São Paulo*. São Paulo: Universidade Metodista.

- Melo, J. M., & Assis, F. (2013). *Gêneros Jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Metodista.
- Mendes, J. M. (2001). *Por quê tantas histórias - o lugar do ficcional na aventura humana*. Coimbra: Minerva.
- Oliveira, A. P., & Isquardo, A. N. (2001). *As ciências do Léxico: Lexicologia, lexicografia e terminologia* (2ª ed.). Campo Grande: UFMS.
- Raimundo, O. (s.d.). *A Linguagem dos Jornalistas* (21ª ed.). Lisboa: contecimentos.
- Raposo, E. B., Nascimento, M. F., Mota, M. A., Segura, L., & Mendes, A. (2013). *Gramática do Português* (Fundação Calouste Gulbenkian ed., Vol. I). Lisboa: Gráfica de Coimbra.
- Rocha, L. C. (2003). *Estruturas morfológicas do Português*. Belo Horizonte: UFMG.
- Serra, J. P. (2007). *Manual de Teoria da Comunicação*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Sousa, J. P. (2001). *Elementos de jornalismo impresso*. Florianópolis: Letras contemporâneas.
- Traquina, N. (2004). *A tribo Jornalística – Uma Comunidade Transnacional*. Lisboa: Editorial notícias.
- Vilela, M. (1979). *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Vilela, M. (1999). *Gramática da Língua Portuguesa* (2ª ed.). Coimbra: Almedina.